

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Adriny dos Santos Silva

Da ANL ao Estado de Sítio:
As representações anticomunistas de A Federação

Porto Alegre
2024

Adriny dos Santos Silva

Da ANL ao Estado de Sítio:
As representações anticomunistas de A Federação

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero

Porto Alegre
2024

Adriny dos Santos Silva

**Da ANL ao Estado de Sítio:
As representações anticomunistas de A Federação**

Trabalho de Conclusão do Curso de graduação apresentado ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título Bacharel em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero

Banca avaliadora:

Prof.^a Dr.^a Carla Simone Rodeghero (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Cláudia Mauch

Me. Valdir Erick dos Santos

Porto Alegre
2024

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim da graduação, inicio os meus agradecimentos a UFRGS, uma Universidade pública que me proporcionou tantos anos de aprendizado. Agradeço a cada professor que me guiou e serviram de exemplo ao longo desses anos, aos colegas que estiveram comigo nesse longo período e a todos que contribuíram para este trabalho. Agradeço especialmente a professora e orientadora Carla Simone Rodeghero que me auxiliou ao longo de todo o processo e demonstrou uma paciência infinita em meio a muitas dificuldades que tive para concluir este trabalho.

Aos amigos e à equipe do Memorial do Legislativo onde estagiei e pude ler e buscar muitas informações que foram primordiais a este trabalho. Grata pelo apoio e toda a paciência.

A minha mãe e minha irmãzinha Giovanna, que brigaram comigo quando necessário e me apoiaram em todos os momentos.

A Luciana, quem tornou esse processo um pouco menos difícil e sem quem eu não estaria aqui.

Aos amigos que fiz ao longo desses anos, Juliane, Rafael, André, Monique, Bianca e Matheus, agradeço pelo companheirismo. Agradeço especialmente ao Roger por estar sempre do meu lado, me apoiar, puxar minha orelha e me incentivar e a Vic que esteve junto comigo durante todos os surtos e perrengues, sem vocês nada seria possível.

Agradeço a todos que tornaram isso possível, direta e indiretamente, muito obrigada.

Não encontrarás um cravo ou uma rosa, uma flor na minha literatura. Mas encontrarás um punhal ou um fuzil, encontrarás uma arma contra os inimigos da beleza, contra aqueles que amam as trevas e a desgraça, a lama e os esgotos, contra esses restos de podridão que sonharam esmagar a poesia, o amor e a liberdade!

Jorge Amado

RESUMO

Essa pesquisa busca analisar o discurso anticomunista no jornal A Federação entre julho de 1935 e março de 1936 de forma a analisar os diferentes momentos em que as representações anticomunistas perpassam as páginas do periódico gaúcho, considerando as mudanças nas relações e na conjuntura política do estado no período analisado. Também será analisado as maneiras em que as representações referentes à Aliança Nacional Libertadora, Luís Carlos Prestes e ao levante de novembro de 1935 contribuíram para a intensificação do discurso anticomunista e como as representações das ações do governo estadual contra o levante pretenderam influenciar a percepção do governo federal.

Palavras-chave: Anticomunismo. A Federação. Rio Grande do Sul.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANL - Aliança Nacional Libertadora

AIB - Ação Integralista Brasileira

ASB - Ação Social Brasileira

ASRB - Ação de Renovação Social Brasileira

FUG - Frente Única Gaúcha

LSN - Lei de Segurança Nacional

PCB - Partido Comunista do Brasil

PL - Partido Libertador

PRL - Partido Republicano Liberal

PRR - Partido Republicano Riograndense

SUMÁRIO

Introdução.....	7
1. Os anticomunismos de A Federação.....	17
1.1. Os extremismos.....	18
1.2. A “intentona”.....	23
1.3. Campanha contra o Comunismo.....	27
2. Masorcas comunistas.....	32
2.1. Madrigais comunistas.....	33
2.2. Um profissional da Revolução.....	37
2.3. No Rio Grande reina a paz.....	41
3. Considerações Finais.....	47
FONTES.....	50
REFERÊNCIAS.....	53
ANEXOS.....	56

Introdução

As raízes do anticomunismo no Brasil são tão antigas quanto a Revolução de Outubro. De acordo com Rodrigo Patto Sá Motta (2020), o medo da influência que o movimento poderia exercer sobre as classes trabalhadoras levou os países capitalistas a iniciar suas campanhas anticomunistas. Inicialmente importado de países europeus, o anticomunismo brasileiro tinha a característica de denunciar o que era considerado um perigo externo à sua própria realidade. A própria formação do Partido Comunista do Brasil (PCB), inicialmente, não foi motivo de grande preocupação governamental. Foi somente com o aumento dos movimentos operários e o crescimento do PCB nos anos 1920 que a mobilização anticomunista começa a se intensificar, o que levaria o partido à ilegalidade na segunda metade da mesma década.

Motta (2020) fala sobre duas grandes ondas anticomunistas no Brasil. A segunda resultaria no golpe civil-militar que perdurou mais de duas décadas no país e influenciou regimes ditatoriais por todo continente sul-americano, mas 1964 foi precedida por outra grande onda, iniciada em 1935 que também resultaria em um regime ditatorial, o Estado Novo de 1937. O levante comunista de novembro de 1935 impulsionaria a primeira grande onda anticomunista brasileira e serviria, por muitos anos, como pretexto para governos autoritários.

O discurso anticomunista, que até os anos 1920 se concentrava em alguns poucos setores da sociedade, começa a se expandir na década seguinte. É com o lançamento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) que as representações sobre os “comunistas” brasileiros começam a ser mais exploradas. Seu lançamento em março de 1935 marca uma mudança no cenário político brasileiro. Sendo uma organização de esquerda de rápido crescimento em território nacional e que contava com Luís Carlos Prestes como presidente de honra - líder tenentista que não apenas se recusou a tomar parte na Revolução de 30, como lançou um manifesto aderindo ao comunismo no mesmo ano - a ANL rapidamente se tornou um alvo do governo.

No Rio Grande do Sul, governado por Flores da Cunha, 1935 foi um tempo de retorno à constitucionalidade. De acordo com Rafael Saraiva Lapuente (2016), Interventor de Vargas desde 1930, Flores da Cunha ascendia agora ao cargo de

governador eleito, consolidando sua autonomia e marcando uma significativa mudança nas relações entre os dois governantes, assim como nas dinâmicas políticas entre o governo central e o governo estadual, que agora não mais dependia da influência de Vargas.

Ainda conforme Lapuente (2016), tendo o jornal *A Federação*, como porta-voz de seu partido, e conseqüentemente do governo estadual, o governo de Flores da Cunha empregava o jornal como um veículo primordial para disseminar suas perspectivas políticas e administrativas. As páginas do jornal serviam como um meio eficaz para apresentar não apenas as políticas adotadas pela administração do governador, mas como meio de propagar opiniões, descontentamentos e, até mesmo, alianças políticas do governo gaúcho.

A Federação foi pensada, desde sua concepção, como uma ferramenta de propaganda política, conforme explica Francisco Rüdiger (1993). Com sua primeira edição publicada em 1884, o jornal foi crucial para a propagação dos ideais republicanos no estado durante os anos finais do Império. A partir do domínio hegemônico do Partido Republicano Riograndense (PRR) no estado, após a Proclamação da República, o jornal passa a ser a voz do governo do Rio Grande do Sul - tendo inclusive, servido como diário oficial por um período de tempo - propagandeando e legitimando as políticas e ideologias republicanas levadas a cabo pelo PRR.

Inicialmente comandado pelo líder do partido, Júlio de Castilhos, o jornal seguia a doutrina positivista comtiana de Castilhos. Em *Tendências do Jornalismo*, Rüdiger, ao tratar sobre a abordagem jornalística de *A Federação*, afirma que:

Castilhos [...] criou novas concepções jornalísticas, principalmente o conceito prático de que a imprensa não precisa limitar-se a registrar acontecimentos políticos, pois que pode modificar seu curso. As conjunturas de crise política e social fomentam movimentos de opinião contraditórios e a receptividade do público, criando espaço para a intervenção doutrinária da imprensa. O jornalismo não é uma força passiva, embora partidariamente engajada, do processo de formação da opinião pública, mas um fator ativo de modelagem pública da própria opinião (RUDIGER, 1993, p.31)

No período relevante à pesquisa, uma cisão no Partido Republicano Rio-Grandense, após o levante da Frente Única Gaúcha, cria o Partido Republicano Liberal em 1932, que reunia parte da ala do PRR e do PL.

Um partido criado às pressas, de improviso, para amparar aqueles que ficaram ao lado do então governo provisório e intervenção estadual, teriam em comum somente o fato de divergirem da FUG e apoiarem Getúlio Vargas e Flores da Cunha (LAPUENTE, 2016 apud SILVA, 2022)

O jornal passa, então, a ser o Órgão Oficial do Partido Republicano Liberal. Da mesma forma que seu antecessor, o partido detinha o poder do estado e do jornal, mas a lógica partidarista do jornal permanece a mesma, sendo ainda comandado e usado como porta-voz do líder do governo, Flores da Cunha, que em um primeiro momento, permanecia publicamente alinhado com o Governo Federal.

A função, como colocado por Rüdiger (1993), de formação doutrinária de opinião do jornal permanece a mesma após a mudança no partido, com matérias tendenciosas, se apoiando no pânico moral, o jornal seguia uma consistente campanha de propagação do discurso anticomunista. Inicialmente, porém - acompanhando as representações da imprensa nacional desde o fim da Primeira Guerra Mundial - o tema era tratado na seção internacional em sua grande maioria, relacionado a problemas europeus e salientando os horrores da Rússia Soviética. A partir de julho de 1935, porém, com o lançamento da sede estadual da ANL, o discurso anticomunista passa a ser cada vez mais frequente e a perder o caráter externo, passando a considerar o comunismo um perigo eminente para o país e para o estado do Rio Grande do Sul, o qual deveria ser - e estava sendo - combatido.

O assunto passa a ser discutido quase diariamente, com matérias que se encontram esparsas ao longo do jornal, algumas com maior destaque, outras com menos, mas com discurso igualmente alarmista. Muitas delas, colunas menos políticas, e sim matérias de cunho moral e religioso - como é o caso da seção católica, que em mais de uma ocasião dedica sua coluna fixa aos perigos trazidos pelo comunismo. Em 30 de julho de 1935, em uma dessas colunas, intitulada "O que a hora exige", o redator, não só trata dos perigos da Terceira Internacional para a família brasileira, como chama os leitores para a ação:

[...] Ai de nós e de nossa religião se essa horda de barbaros fanatizados e raivosos nos pegar de surpresa!

E' preciso agir pronta, resoluta e eficientemente, meus caros congregados, antes que seja tarde que o ambiente esteja todo envenenado. (A FEDERAÇÃO, 1935)¹

Os meses que se seguiram foram de intensa propaganda anticomunista que encontraria seu ponto culminante com os levantes de novembro e só se intensificaria dali em diante. O pânico que envolveu a sociedade brasileira em novembro já era parte de uma longa construção de representações anticomunistas e vinha crescendo exponencialmente desde o lançamento oficial da ANL em março. Com o levante de novembro de 1935 o perigo comunista que, até então, era visto como algo majoritariamente externo é materializado na “Intentona”, um perigo real que passa a ser combatido.

Considerando o breve panorama apresentado, a presente pesquisa busca resposta para os seguintes problemas: De que maneira as representações da ANL, da insurreição de novembro de 1935 e de Luís Carlos Prestes foram abordadas pelo jornal; como os “comunistas” e o comunismo eram representados e quais as mudanças nas representações ao longo dos diferentes momentos políticos que perpassam o período e, como as representações anticomunistas no jornal refletiam as mudanças das relações políticas do estado ao longo desse tempo.

Para tanto, serão explorados os exemplares do jornal A Federação que circularam entre os 5 de julho de 1935 e 5 de março de 1936. A escolha de tal recorte se dá pelo fato de que, em pesquisa preliminar ao longo do ano de 1935, foi constatado um grande aumento da atenção dedicada a propagação de um discurso anticomunista, ou “anti-extremista”, a partir do eminente lançamento oficial da Aliança Nacional Libertadora no estado do Rio Grande do Sul e se manteve, apesar da existência de picos ao longo do período analisado, consistente até o ano seguinte quando, seu líder de honra, Luis Carlos Prestes, é capturado e preso. Dessa forma, o período analisado na presente pesquisa se inicia no dia de lançamento da ANL gaúcha, quando o discurso antialiancista se torna mais proeminente, até a prisão de Luís Carlos Prestes em 5 de março.

¹ Registro que nas citações será mantida a redação no formato que consta no jornal.

A consulta ao jornal foi feita, em sua maior parte, pela hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, mas também foram consultados os exemplares físicos presentes no Memorial da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde a análise preliminar se beneficiou do manuseio do jornal para compreender a estrutura de A Federação e o direcionamento geral do discurso presente em suas páginas.

Para o embasamento teórico-metodológico da pesquisa, apresento os conceitos de anticomunismo e de representações:

Carla Luciana Silva (2000), em sua análise do anticomunismo brasileiro afirma que para definir o que é anticomunismo é necessário analisar para onde o discurso é direcionado. A autora afirma que a imprecisão teórica na sociedade brasileira acerca do comunismo é um fator intencional, pois permite a atribuição do título comunista aos mais diversos setores sociais. Essa “imprecisão teórica” da qual a autora fala também é trazida por Rodeghero, que afirma que o anticomunismo em âmbito nacional se volta para toda a esquerda e a qualquer indivíduo ligado a movimentos populares. Nos anos 30, essa grande abrangência do termo “comunismo” era usado para qualquer setor que se opusesse às políticas do governo provisório.

Assim, Silva afirma que “comunismo” era usado como um sinônimo para antagonismo, podendo englobar tanto os dissidentes do governo quanto os setores operários. O anticomunismo seria então uma forma de manutenção do Estado e controle social, por ser uma maneira eficaz de isolar movimentos oposicionistas.

Valdir Erick dos Santos, ao estudar anticomunismo militar, afirma que o fenômeno não se trata de uma característica intrínseca das Forças Armadas e sim que o anticomunismo dentro da instituição partiu de uma longa construção política. Dessa forma o anticomunismo foi utilizado não apenas como um elemento de segregador das oposições, mas também é usado como um elemento agregador da classe militar, o comunismo servia como um inimigo comum a todos os escalões, assim criando um senso de pertencimento frente a uma causa comum.

Ainda conforme Santos, o aniversário da “intentona” passa não só a fazer parte do calendário oficial das forças armadas, mas “serviam, desde a década de 30,

para reforçar a ideologia anticomunista no interior da instituição”. (Santos, 2019, p.36)

Para Carla Silva, o anticomunismo brasileiro é muito anterior a 1935, quando se registra uma mobilização mais intensa desses setores. Para ela, o anticomunismo parte de uma construção mais ampla e deve ser estudado como um processo histórico. Na primeira metade da década de 30, a autora ressalta que os movimentos grevistas eram vistos como o “perigo comunista visível” apesar de não levantar a bandeira do comunismo ou lutar contra os valores ocidentais defendidos pelos anticomunistas - o que demonstra que o anticomunismo visava qualquer movimento que questionasse a ordem estabelecida. Assim a autora afirma que o inimigo combatido:

atacaria em tese os princípios burgueses, liberais e conservadores, o que nos permite toma-los como uma unidade, construída a partir da definição de um inimigo comum. A construção desse inimigo não necessitava ter um inimigo visível, a imagem dele enquanto “fantasma” que poderia atacar a qualquer tempo era muitas vezes mais válida do que a de um ser concreto, como um partido.

A criação de um inimigo permitia a união de setores que historicamente seriam antagônicos. Dessa forma a onda anticomunista de 1935 seria parte de um longo processo de construção do fenômeno ao longo dos anos. O lançamento da ANL, o manifesto de Prestes, e posteriormente o levante, corporificam o perigo que vinha sendo denunciado e contribuíram para a intensificação do discurso que seria crucial para a cassação dos direitos civis.

Ao tratar sobre o uso de periódicos como fontes históricas, José D’Assunção Barros (2023) afirma que nenhum jornal é um agente passivo, neutro, mas se trata de um instrumento capaz de interferir na história, uma vez que não transmite apenas informações, como também emite opiniões e retrata representações da realidade.

A história - através de seus acontecimentos e das representações dos acontecimentos - atravessa as páginas de um jornal de muitas maneiras [...]O que aconteceu na história, e o que está acontecendo na história, atravessa o jornal nas suas diversas matérias, pois os textos jornalísticos produzem incessantemente representações da realidade histórica (Barros, 2023, p.13-14).

Rüdger (1993, p. 26), ao falar das raízes do jornalismo rio-grandense, trata do período da imprensa político-partidária como formadora e dirigente da “opinião nacional”, visando a doutrinação da opinião pública. No período em questão, para o autor, esse é o período de decadência de *A Federação*, assim como do partido cuja política representava e do próprio jornalismo político-partidário com o crescimento do jornalismo informativo. Assim como Barros (2023), percebe o jornal como um agente ativo da história, que não apenas transmite as informações de forma neutra, mas transmite representações calcadas nos interesses do partido.

Dessa forma, é relevante considerar o conceito de representação elaborado por Roger Chartier (1991), explorado em *O Mundo Como Representação*, que parte do princípio de que não existem estruturas sem as representações. As representações seriam a forma que os indivíduos percebem e se apropriam do mundo ao seu redor. Para o autor, as representações fazem parte da construção de identidade social e das próprias relações de poder. Ao tratar de seu objeto de pesquisa, Chartier (1991) fala sobre o conceito de apropriação, que para ele se trata das interpretações e usos que os indivíduos fazem das representações, o que leva a práticas a partir dessa apropriação.

Barros (2005) demonstra isso com seu exemplo sobre a figura do mendigo e como a apropriação que a sociedade faz das representações de sua figura gera práticas sociais correspondentes. Demonstra também que as motivações por trás das representações estão calcadas em interesses e estão sempre atreladas à detenção do poder e dominação. A mudança das representações sobre os mendigos e suas práticas correspondentes desde a Idade Média respondem a um novo momento político, das demandas do produtivismo capitalista, resultado das novas necessidades sociais e demandas concebidas pelos poderes dominantes.

Estando sempre calcada em interesses, as representações são inseridas num campo de disputas constantes, que Chartier (1991) chamaria de *luta de representações*, por conta das diversas apropriações e interpretações das representações, de acordo com o pertencimento social, político, das necessidades e motivações dos grupos envolvidos.

As representações coletivas seriam a base para construção do próprio mundo social, uma vez que seriam formadoras da identidade dos grupos, que possuem ao mesmo tempo uma representação de si mesmos, que compõe seu eu social, e uma representação imposta por outros, fora dessa coletividade. Essa disputa de representações parte do princípio da contraditoriedade social e a mutabilidade das representações a depender de quem representa, sua posição social ou sua visão de mundo. Essa luta estaria também diretamente associada com a hierarquização da sociedade e seria afetada por ela, estando sempre associada ao poder. Nas palavras do autor: “a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, num instrumento que produz uma exigência interiorizada, necessária exatamente onde faltar o possível recurso à força bruta” (Chartier, 1991, p.185-186)

Ao tratar sobre a luta de representações, Barros (2005, p. 138) afirma que as representações podem ser apropriadas de forma política e socialmente motivada, relacionando diretamente o uso das representações ao processo de construção ideológica que “corresponde a uma determinada forma de construir representações ou de organizar representações já existentes para atingir determinados objetivos ou reforçar determinados interesses”.

Em 1935, apesar de sempre negativas em *A Federação*, as representações acerca dos comunistas ainda não estão enraizadas, sendo a própria identidade dos “comunistas” mutável de acordo com as necessidades - que se alteram ao longo do ano - do jornal partidário e seus dirigentes. Essas representações, principalmente acerca do levante de novembro - mas não exclusivamente - resultariam em uma diferenciação social entre os “comunistas” e o restante da população que justificaria o estado de exceção e a série de ações repressivas contra esse grupo.

Ao longo do período analisado as representações se alteram em diversos momentos devido ao agitado momento político em que o país se encontra - o lançamento e posterior ilegalidade da ANL, pressões para o retorno ao regime constitucional, o crescimento do fascismo, os conflitos europeus, que recebem grande destaque nas páginas do periódico - assim como o acirramento das tensões entre Flores da Cunha e Getúlio Vargas.

Dessa forma, essa pesquisa procura explorar o discurso anticomunista presente no jornal A Federação entre julho de 1935 de forma a analisar os diferentes momentos em que as representações anticomunistas perpassam as páginas do periódico gaúcho, considerando as mudanças nas relações e na conjuntura política do estado no período analisado. Também é analisado de que maneiras as representações referentes à Aliança Nacional Libertadora, a Luís Carlos Prestes e ao levante de novembro de 1935 contribuíram para a intensificação do discurso anticomunista e também como as representações das ações do governo estadual contra o levante pretenderam influenciar a percepção do governo federal.

Ao longo do trabalho, dialogarei com algumas pesquisas sobre anticomunismo e sobre a política estadual e nacional. O trabalho de Marisângela Martins aborda as relações entre escritores e o Partido Comunista do Brasil (PCB) em Porto Alegre nas décadas de 1920 a 1960. A pesquisa trata da interação entre a militância e a carreira literária dos escritores, entre os quais se encontra Dyonélio Machado, Presidente da ANL gaúcha; foram utilizadas diversas pesquisas de Diorge Konrad, entre tese e artigos sobre a atuação da ANL; O Diabo é Vermelho de Carla Simone Rodeghero, fala sobre o imaginário anticomunista católico no Rio Grande do Sul entre 1945 e 1964; O trabalho de Rodrigo Patto Sá Motta, Em Guarda Contra o Perigo Vermelho, explora o fenômeno do anticomunismo no Brasil da Revolução Russa a Ditadura Civil militar; De Catafalco a Hirsuto e Ingênuo Czar de Gilson Moura Henrique Junior, dissertação onde são analisadas as representações de Luís Carlos Prestes em A Federação entre 1924 a 1930; Trabalhos de Rafael Lapuente que abordam o governo de Flores da Cunha no Rio Grande do Sul e seu conflito com Getúlio Vargas que mais tarde lhe levariam ao exílio entre outros.

O trabalho está organizado em dois capítulos: no primeiro será apresentado uma visão panorâmica das representações anticomunistas presentes no periódico, dividido em três momentos distintos, de acordo com as mudanças observadas no discurso ao longo dos meses pesquisados. No segundo capítulo serão analisadas as representações de colunas selecionadas em três momentos. Em primeiro lugar, quem A Federação julgava comunistas, e quais suas representações após o levante de novembro; em seguida serão analisadas as representações de Luís Carlos Prestes antes e depois do levante e as mudanças sofridas nessas representações após a insurreição; por último, as representações do governo do estado durante e

após os levantes e como elas afetaram as representações do governo federal conforme se intensificava o conflito entre Vargas e Flores da Cunha.

1. Os anticomunismos de A Federação

Este capítulo apresentará uma visão panorâmica da cobertura que o jornal *A Federação* fez sobre a ANL e os levantes comunistas. A intenção é demonstrar a presença de três momentos distintos do discurso anticomunista no ano de 1935. O período anterior ao analisado, provavelmente, acrescentaria um quarto momento - que segundo Motta (2020, p. 30) teria como foco “uma ameaça remota [...] que tinha mais a ver com a realidade do Velho mundo”. Ou seja, uma ameaça de caráter externo, tratado na maioria das vezes na seção internacional, na qual eram salientados os horrores da Rússia Soviética e a ação dos comunistas na Europa. Essa representação ainda se encontra presente no primeiro momento aqui analisado, apesar de não ser tão proeminente, e somado ao elemento extra do que o jornal considerava uma organização comunista no país.

O primeiro momento consiste, então, no período de lançamento da ANL no Rio Grande do Sul, quando o jornal passa a intensificar o caráter nacional de seu discurso anticomunista, que antes - como já mencionado - estava atrelado ao perigo externo, europeu e, é claro, à atuação da ANL nacional a partir de março de 1935, sem se afastar completamente da visão do comunismo como uma ameaça externa. O lançamento da sede da ANL no estado, marca uma mudança no discurso do jornal que passa a ver o comunismo como um problema mais imediato. Ele é tratado como uma ameaça à segurança pública desde o primeiro momento pelas lideranças do estado, mas ainda se trata de um discurso mais brando em comparação com o que se desenrolaria a partir de novembro.

Em um segundo momento, temos o período do levante em si, onde o jornal passa a noticiar dia a dia os acontecimentos, tomando, quase inteiramente, as páginas de *A Federação*. A partir desse momento o discurso se torna mais urgente e alarmista, com grande foco na atuação dos governos federal e estadual no papel de conter, ou no caso do último, evitar a tomada pelo *comunismo*. Agora o caráter externo da ameaça se resume à atuação estrangeira na sublevação nacional, mais especificamente da URSS e sua atuação na América Latina.

Por último, o terceiro momento é o período posterior ao levante. Aqui a urgência permanece no discurso, que se torna agressivo e procura mobilizar a população contra os comunistas, criando um clima de caça às bruxas. O levante de 1935 passa a corporificar tudo o que o comunismo russo representaria. Entre

dezembro de 1935 e março de 1936, o discurso do jornal passa a se modificar levemente e a criação da “lenda negra da Intentona” começa a ser forjada nas páginas d’*A Federação*.

Além do óbvio discurso anticomunista, há uma particularidade trazida por *A Federação* - um jornal governista - comum aos três momentos, que é a propaganda ao governo estadual liderado por Flores da Cunha. Apesar das diferentes formas ao longo do período analisado a exaltação ao governo, seja em forma de legitimação de suas ações ou o exemplo de estado modelo frente às demais partes d’*A Federação*, a propaganda estadual está presente em todos os momentos.

Nas páginas que seguem, os três momentos serão melhor caracterizados, num diálogo entre as matérias do jornal e a bibliografia sobre o tema.

1.1. Os extremismos

Lançada em março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora foi uma frente antifascista que abrangia diversos setores políticos preocupados com o crescimento do fascismo - representados pelos integralistas no país - e pelas políticas autoritárias de Vargas. Sendo uma organização de esquerda, com Luís Carlos Prestes como presidente de honra, e com rápido crescimento, a organização foi marcada como subversiva e teve curta duração. De acordo com Diorge Konrad (2022) o Rio Grande do Sul foi um dos muitos estados em que a ANL entrou na ilegalidade antes de poder alicerçar de fato sua sede. Totalizando sete dias entre o lançamento oficial no Estado e a decretação da ilegalidade da organização, a ANL do Rio Grande do Sul teve uma duração efêmera, mas ainda assim atraiu muita atenção das classes dirigentes.

No dia 5 de julho, *A Federação* publicava em primeira página uma nota sobre o lançamento da ANL no Teatro São Pedro na noite do mesmo dia. Na pequena matéria em destaque, porém, o foco não está no lançamento da aliança no estado e sim nas medidas de segurança tomadas pelo governo de Flores da Cunha para evitar perturbações por parte dos aliancistas.

Retratada como uma organização extremista, constantemente colocada em contraposição aos integralistas, a ANL era vista exclusivamente como uma organização comunista, sendo desconsiderado o caráter agregador dos diversos

setores agremiados na Aliança, e como tal deveria ser vigiada pelas forças de segurança pública, conforme se pode ler na matéria:

A Chefatura de Policia tomou medidas necessarias para agir com a maxima energia, caso os manifestantes procurem por meio de provocações ou propagandas sediadas alterar a ordem publica.[...] será destacada uma força armada para as imediações daquele local, a fim de reprimir, de qualquer forma, a menor tentativa dos extremistas.²

Constantemente associando os aliancistas, comunistas, grevistas e até mesmo os integralistas como extremistas, *A Federação* utiliza do termo “extremo” para categorizar todo e qualquer movimento que não correspondesse com a política e a moral propagadas pelo governo estadual. Na nota, ao mesmo tempo em que assegura a população das ações tomadas contra os ditos extremistas, o jornal pede à “população ordeira” (aqueles que não estão nesse grupo extremista) da capital que evite o local.

Em *À esquerda de seu tempo*, Marisângela Martins (2012) fala sobre o grande destacamento policial presente na cerimônia de abertura da ANL no Teatro São Pedro, sob a advertência de Flores da Cunha de que os poderes garantiriam a ordem pública frente a qualquer distúrbio. Advertência, que de acordo com a historiadora, leva o presidente da entidade, Dyonelio Machado, a solicitar “aos presentes que deixassem o recinto em ordem de modo a refletir o espírito ordeiro no qual haviam ocorrido os trabalhos” (Martins, 2012, p. 105).

No dia seguinte, *A Federação* publicava uma coluna intitulada “A polícia e a Aliança Nacional Libertadora”, atribuindo o sucesso do lançamento, sem qualquer distúrbio, a ação policial que se encontrava preparada para a perturbação da ordem esperada.³

Se a ANL já era vista como extremista, o manifesto de Prestes, lançado no mesmo dia do lançamento da Aliança no estado - onde afirma que a sociedade está dividida em dois campos, do fascismo (onde o governo Vargas é enquadrado) e outro dos que defendem a “liberdade nacional”, chama a população para se unir às fileiras da entidade e clama pela derrubada do governo - fornece o necessário para

² Comicio esta noite. *A Federação*, 05/07/35, p. 1

³ A polícia e a Aliança Nacional Libertadora. *A Federação*, 06/07/35, p. 2.

reforçar as acusações de comunismo na organização e permitiu que a entidade fosse enquadrada na LSN.

Prestes, que já era uma figura muito conhecida para o governo do Rio Grande do Sul por sua incursão pelo país em 1924 na “coluna invicta” - que mais tarde receberia seu nome - das revoltas tenentistas, já era visado pelo governo do então Partido Republicano Rio-grandense (PRR) como perturbador da ordem pública. Ao tratar sobre as representações de Prestes em *A Federação*, Gilson Moura Henrique Junior (2019, p. 107) fala sobre o processo de transformação que sua figura sofreu, nas páginas do periódico, entre o período borgista e a ascensão da geração de 1907 no estado. De rebelde e bárbaro, Prestes “foi paulatinamente se tornando um ativo importante no decorrer dos anos para o processo de combate ao pacto da Primeira República [...] como um símbolo de transformação”. Com sua recusa em participar da Revolução de 1930 e sua adesão ao comunismo, Prestes se torna novamente uma figura visada pelo periódico, que em 1935, não mediu esforços em desmoralizar sua figura e a da Coluna.

Assim, a decretação do fechamento de todas as sedes da ANL foi recebida com grande animação pelo periódico governista e o governo federal foi exaltado por suas medidas de combate ao extremismo.

Martins (2012) fala sobre como as pautas da ANL nacional se somaram a outras, especificamente voltadas para os problemas do estado, tal como o combate ao governo Flores da Cunha na Aliança gaúcha, o que explicaria a atitude tão agressiva do periódico governista para com a organização que, nem por um instante, foi referida de outra forma que não extremista em suas páginas.

De acordo com Motta (2020), os meses que seguiram o fechamento da ANL viram uma diminuição da mobilização anticomunista nos periódicos do país. No caso de *A Federação*, apesar de ter de fato havido uma diminuição nas notícias de caráter anticomunistas, a presença das mesmas não estava nem perto de cessar. Com o fechamento da ANL, o discurso anticomunista do jornal se voltou novamente para o comunismo internacional, mas também passou a servir como uma forma de ataque à oposição parlamentar, como veremos abaixo.

Em sua análise do imaginário anticomunista de 1945 a 1964, Carla Simone Rodeghero (2003) fala sobre a atribuição da categoria comunista para diferentes

setores da esquerda. Nesse momento, apesar de não tão recorrente como viria a ser pós 1945, o termo comunismo também é usado livremente pelos setores anticomunistas, ao mesmo tempo em que é usado como uma forma de ameaça aos opositores do governo.

A grande recorrência de colunas denunciando a crítica da oposição à decisão do governo de colocar a ANL na ilegalidade é um grande demonstrativo disso. A simples oposição ao fechamento da organização fazia com que o jornal governista insistisse em demonstrar a “simpatia” das minorias parlamentares com os comunistas (nesse momento, a ANL).

Provado exuberantemente pela Chefia de Polícia do Rio que a A.N.L. mantém íntimas ligações com a Terceira Internacional de Moscou, o Sr. João Neves, sob o pretexto de defender a democracia, bate-se com seus correligionários por essa organização, entra em conciliábulos secretos com os seus dirigentes e [...] entram abertamente num terreno de ideologias contrárias ao próprio regime, desfraldando a bandeira rubra do extremismo, sob um transparente disfarce democrático.⁴

As críticas à oposição pela defesa da ANL, especialmente direcionadas ao líder da oposição, João Neves da Fontoura, levam à sua substituição como líder da minoria. Noticiado em matéria do dia 22 de julho que o novo líder teria a difícil tarefa de “desdizer” o discurso de João de Neves, a matéria afirma ainda que por suas falas, a minoria estava sendo hostilizada tanto pela imprensa quanto pela população por utilizar de todos os meios para atacar o governo federal, inclusive “unificar a oposição em torno da bandeira aliancista do Sr. Luiz Carlos Prestes”.⁵

Ainda em julho, o jornal governista inicia um processo de combate menos direto, dedicando grande espaço à promoção de uma nova organização, cujo grande objetivo era de combater os extremismos, mais especificamente o comunismo e, assim, proteger a moral e a família ameaçadas pelo bolchevismo russo. Martins (2012, p. 108) fala em sua tese que o arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker, foi o responsável por angariar capital político para a formação da organização. Contando com apoio de nomes como Borges de Medeiros e Flores da Cunha, a autora afirma que formavam “uma frente única contra o extremismo”.

⁴ A atitude da minoria. *A Federação*, 19/07/35, p. 1

⁵ Em defesa da democracia, *A Federação* 22/07/35, p. 1

No dia 22 de julho, *A Federação* publica em primeira página uma longa coluna sobre o lançamento da Ação Social Brasileira⁶. Em seu manifesto, que é reproduzido na íntegra na terceira página do mesmo dia como *Manifesto ao Rio Grande e ao Brasil*, afirma não se tratar de um movimento político e sim de um movimento de defesa dos ideais brasileiros e de combate “para que o comunismo russo não estenda em nosso país suas garras sangrentas e nefastas, para a dissolução da família e da sociedade, do patrimônio público e da propriedade privada”.⁷

Colocando a ANL e a AIB como dois lados do extremismo, apesar de Flores da Cunha afirmar que “precisando escolher entre um deles, seria a favor do integralismo” (Martins. p.107, 2012), o jornal constantemente trazia o embate entre as duas. Com a ABRS *A Federação* encontra a organização perfeita para representar os ideais do governo do estado de combate ao comunismo sem estar diretamente associada a nenhum tipo de extremismo.

Nos meses seguintes ao fechamento da ANL o jornal assume uma postura de alerta frente a agentes considerados subversivos e às subseqüentes prisões e deportações, assim como a forte vigilância a organizações suspeitas como a Sociedade Luz Brancos Russos e Ukranianos - cuja ação policial aparece nas páginas do jornal por mais de uma vez - ou a tentativa de fundação de um Centro Feminino Cultural Gaúcho, cuja matéria não apenas deixa subentendido se tratar de um grupo comunista, mas afirma que a Lei de Segurança Nacional estaria de olho.⁸

Concomitantemente ao discurso antialiancista, *A Federação* ressalta sua posição antibolchevista em outras frentes. Entre notícias de veracidade duvidosa, o jornal trazia críticas às lideranças socialistas francesas, organizações estudantis e movimentações dos ditos “comunistas” ao redor do mundo, sempre com a intenção de demonstrar aos seus leitores a vileza dos comunistas. Tais notícias variam enormemente em seu conteúdo, de notícias de Moscou afirmando que o governo soviético condenou as virgens russas a um campo de concentração para serem “fecundadas pelos homens mais vigorosos”, à propaganda comunista sendo

⁶ A organização também é citada como Ação de Renovação Social ou Ação Brasileira de Renovação Social, sigla varia entre ASB e ABRS

⁷ A Ação Social Brasileira. *A Federação*, 22/07/198, p.1

⁸ Também referido nas páginas do jornal como *Sociedade de brancos-russos e Hukranianos Luz*, afirmam ser uma sociedade de “rótulo recreativo”. Não foram localizadas mais informações sobre a sociedade.

disseminada ao redor do mundo e a comentários sobre a situação política espanhola - que o jornal atribui à ingenuidade dos revolucionários ao aceitarem os “extremistas” em seu meio, uma vez que Moscou se antecipou e não foram capaz de afastá-los após derrubada a monarquia.⁹

Com grande interesse nos acontecimentos da Europa fascista, o jornal segue uma linha crítica à Liga das Nações e favorável aos líderes autoritários. Em mais de uma ocasião, os redatores de *A Federação* cansaram de tecer críticas às lideranças francesas, taxadas como extremistas, e a Liga das Nações pelas sanções à Itália fascista, ao mesmo tempo que ressalta os movimentos dos comunistas alemães na Alemanha do “sr. Hitler” e a eficiência do país no combate aos bolcheviques, e abria espaço em sua seção internacional para trazer notícias sobre “a sede de sangue dos comunistas”.¹⁰

Em uma matéria da Agência Brasileira de Notícias em Berlim do dia 7 de outubro, o jornal atribui a decadência dos países da Liga das Nações à perda de sua posição antiasiática que teria aberto espaço para a proliferação de propaganda comunista ao mesmo tempo que a “civilização” (Europa) estava preocupada em escolher lados no conflito ítalo-etíope, e que uma vez dividida, beneficiava os bolcheviques.

A diversidade de colunas anticomunistas - de colunas com discursos de caráter moral, civilização contra barbárie, a notícias de prisões internacionais ou crimes cometidos atribuídos a comunistas - torna impossível tratar de todas as facetas da representação anticomunista no jornal. Por isso optei aqui por manter o foco no discurso nacional, mas acredito ser impossível deixar de mencionar a vertente internacionalista, uma vez que nesse momento, ainda sem um caso especificamente brasileiro, essas eram as notícias, mais diretas e menos opinativas, que o jornal utilizava como forma de validação do seu discurso.

1.2. A “intentona”

Tendo arrefecido o fluxo de notícias em âmbito nacional nos meses seguintes ao fechamento da ANL, com suas notícias mais voltadas ao combate dos

⁹ Uma medida do governo soviético. *A Federação*, 19/07/1935, p. 1

¹⁰ A sede de sangue dos comunistas. *A Federação*, 11/07/1935 p.4 - A matéria fala sobre um assassinato cometido em Viena que é atribuído aos comunistas europeus

“extremistas” e ao uso da nova ilegalidade como forma de atacar a oposição, em novembro, novamente, as notícias diretamente anticomunistas voltam a preencher o jornal.

Inicialmente elas se referem ao Congresso do Komintern e à nomeação de Prestes ao seu comitê executivo. O jornal trata das frentes únicas sendo lançadas na América Latina e na infiltração de comunistas em diversas associações, o que para o jornal comprovava o desejo de acabar com a ordem social e a cultura ocidental e, ao mesmo tempo, chamando a atenção do proletariado para não cair no discurso comunista.¹¹ No dia 20 de novembro, três dias antes do levante de Natal e cinco até o início da cobertura por parte de *A Federação*, o jornal publicou uma matéria intitulada *SENSACIONAL REPORTAGEM Sobre as Manobras comunistas no Brasil*, onde o periódico comenta uma matéria do jornal *A Batalha*, sobre os planos do Komintern no Brasil.¹² O redator da coluna afirmava ter em mãos o discurso de Dimitroff na reunião do dia 02 de agosto, no qual saúda o trabalho de Prestes no comando da ANL "citada sem reticência como núcleo comunista" e afirma que uma vez na ilegalidade outro nome surgiria sob a bandeira de combate ao fascismo. A matéria ainda trazia a informação de uma infiltração comunista nas Forças Armadas e sobre um delegado infiltrado no Uruguai que estaria supervisionando o movimento no país.

O levante se iniciou em Natal na noite do dia 23, sábado, de forma que não figurou na edição do dia de *A Federação*. A cobertura dos eventos se inicia apenas na segunda-feira, dia 25 de novembro, quando o matutino governista começa a noticiar “os levantes do norte do país”. Adotando uma abordagem de distanciamento dos eventos, o jornal governista deixa claro em todos os momentos que se trata de um problema externo ao estado e que no Rio Grande do Sul reina a paz.

Telegramas do Norte informa que em Natal e Recife irromperam movimentos armados, de caráter comunista, efetuados por forças militares.

O governo agiu prontamente enviando reforços para auxiliar as tropas fiéis [...] ao que se infere das notícias, deveria ter irradiado para outros pontos do país.

No Rio Grande reina absoluta calma, sendo de esperar que o movimento sedicioso do norte não tenha a menor ressonância em nosso Estado¹³

¹¹ O congresso do Komintern. *A Federação*, 06/11/1935, p.3

¹² SENSACIONAL REPORTAGEM Sobre as Manobras comunistas no Brasil. *A Federação*, 20/11/1935, p. 4

¹³ Movimento extremista. *A Federação*, 25/11/35, p. 1

A cobertura dos acontecimentos “no norte do país” ocupa quase completamente as páginas de *A Federação*, contabilizando, apenas entre o dia 25 e o dia 28 de novembro, quase $\frac{1}{4}$ das matérias dos 8 meses analisados para esta pesquisa. O tom das manchetes é de urgência e de alarmismo. O fato de se tratar de um levante real, materializando os medos anticomunistas em um caso nacional, que certamente provocou apreensão nas elites política, torna impossível analisar o que era fruto do pânico imediato causado pelos acontecimentos e o que se tratava de sensacionalismo para *gerar* o pânico na população.

Ao falar sobre as denominações do movimento pela imprensa e as lideranças do país, Motta (2020) coloca que o termo *intentona*, apesar de ser utilizado por alguns setores em alguns poucos momentos, não foi a atribuição geral: “No primeiro momento, outras expressões prevaleceram como *revolta*, *levante*, *insurreição* e *movimento extremista*, relegando *intentona* para segundo plano” (Motta, 2020, p. 104). No caso específico d’*A Federação*, o termo *intentona* foi utilizado desde o princípio, sendo uma das denominações mais comuns do movimento de novembro - juntamente com “*movimento extremista*” - variando entre os termos *comunista* e *extremista* ou tratado apenas como *Intentona*.¹⁴

De acordo com Konrad (2022) aconteceram prisões mesmo nos estados em que não ocorreu sublevação, como foi o caso do Rio Grande do Sul. Apesar disso, o jornal manteve seu distanciamento dos eventos que se desenrolavam no restante do país, só mencionando as prisões realizadas no estado após o fim do levante e em forma de crítica ao governo federal.

Da iminente decretação do estado de sítio à organização de tropas voluntárias do estado para auxiliar as tropas legalistas do Norte, as notícias variam de colunas de caráter mais opinativo, notícias de última hora e à transcrição de telegramas recebidos de diversas partes do país.

Ainda no dia 25, *A Federação* trouxe a notícia da queda dos rebeldes em Recife e da prisão de seus líderes, o que só viria a acontecer dois dias depois, no dia 27 - uma vez que parte dos rebeldes haviam fugido para o interior do estado para continuar a luta. Além disso, os reforços do governo federal apenas começaram a ser enviados no mesmo dia de publicação da coluna e por se tratar de um

¹⁴ O termo ainda não estava fixado como *intentona comunista*, muitas vezes aparece como *intentona extremista*.

matutino, é impossível a vitória legalista ter acontecido antes da impressão da edição do dia. No mesmo dia, apesar de noticiar que a cidade de Natal se encontrava em caos, os redatores do jornal governista afirmaram que os rebeldes da cidade estavam prestes a serem contidos. (MOTTA, 2020, p. 210)

Tais notícias capciosas, ou simplesmente exageradas para aquele momento, são recorrentes ao longo da cobertura dos levantes, tendo sido publicadas em vários momentos notícias contraditórias. No dia seguinte à publicação sobre a vitória legalista em Recife, o jornal voltou a tratar da capital de Pernambuco, dessa vez trazendo a informação do envio de tropas pelo governo da Bahia para auxiliar no combate aos revoltosos, sem menção alguma à notícia do dia anterior que afirmava que o movimento do Recife havia sido contido.

Nesse primeiro momento, a atuação do governo federal é aplaudida por sua rápida resposta. A oposição do congresso, muito criticada nas páginas do jornal, passa a ser elogiada por seguir a maioria no voto pela decretação do estado de sítio. Esse aparelhamento com o governo federal no momento de crise elucida os exageros sobre as vitórias governistas no Norte, já que por se tratar de um jornal vinculado ao governo do estado, o tom adotado muitas vezes era de abrandamento da gravidade da situação de forma a mostrar a eficácia do governo, que nessa situação específica se mostrava alinhado com o governo federal.

Nos dois dias que se seguem, o tom e o conteúdo das notícias permanecem o mesmo, com a publicação dos últimos telegramas recebidos e as políticas adotadas pelo governo federal. Na terça-feira, dia seguinte ao início da cobertura, começam a ser noticiadas as prisões preventivas por todo o país, o número baixo do dia 26, sobe absurdamente no dia seguinte, quando *A Federação* anuncia a prisão preventiva de mais de 300 pessoas apenas no Rio de Janeiro.

Similarmente ao acontecido com a cobertura de Recife, no dia 26 o jornal anunciava que os rebeldes de Natal, já estavam se retirando, para novamente, no dia 27 anunciar sua fuga e, dessa vez, a vitória definitiva na capital do Rio Grande do Norte. No mesmo dia, se inicia a cobertura do levante na capital federal, já com a informação de que o 3º R.I. já havia sido dominado. O jornal afirma que as forças legalistas estavam prestes a dominar os rebeldes do Rio de Janeiro, mas a notícia só seria confirmada no dia seguinte, quinta-feira.

Estampada em primeira página do dia 28 de novembro se encontra uma pequena coluna em destaque intitulada “O fim de uma intentona”. Ao lado e tomando quase inteiramente a primeira página, estão as notícias enviadas do restante do país sobre a pacificação e a prisão dos envolvidos - quando é divulgada a confirmação de que “a rebelião foi sufocada completamente em todos os focos de sublevação” e que graças às energéticas ações do governo os fugitivos logo seriam capturados.¹⁵ Reafirma, ainda, que no Rio Grande não havia motivo para acreditar na existência de qualquer tipo de subversão, mas ainda assim o governo tinha se mantido alerta, e assim permanecia, para impedir qualquer tipo de sublevação.

1.3. *Campanha contra o Comunismo*

Na apresentação do terceiro e último momento, não se tratará o discurso anticomunista de *A Federação* em sua integridade, focando nas repercussões e representações pós-insurreição, por se tratar de um longo período com um grande fluxo de notícias em diversas frentes, as quais compõem dois terços do total das notícias levantadas para essa pesquisa. Entre os últimos dias de novembro e a prisão de Luís Carlos Prestes em março de 1936, o discurso anticomunista do jornal se modifica e se expande enormemente. Os acontecimentos nacionais *ou* internacionais, na cobertura do jornal, deixam de ser mutuamente exclusivos e passam a compor uma narrativa maior sobre os perigos da Rússia soviética para a civilização ocidental.

Uma vez pacificado o país, o caráter urgente das manchetes diminui nas páginas do jornal gaúcho. Nos dias seguintes, as notícias sobre os sublevados em fuga e as atualizações das partes afetadas do país permanecem tomando grande espaço nas páginas do jornal, mas agora elas são complementadas por colunas analíticas que avaliam o cenário nacional e suas manchetes passam de alarmistas para reivindicatórias.

O elemento regionalista, muito presente durante a cobertura dos dias do levante, se mantém de forma até mais exacerbada. Agora, com o fim dos levantes em todo o país, o periódico passa da mera constatação de paz no estado, para a certeza de que o, “muito superior”, povo rio-grandense, jamais seria capaz de tal

¹⁵ O fim de uma intentona. *A Federação*, 28/11/35, p. 1

“selvageria” dos comunistas do Norte. Pelo contrário, o jornal dá grande ênfase ao caráter ordeiro e trabalhador da população gaúcha e, ainda mais importante, no líder que foi capaz de manter a paz no estado enquanto o restante do país estava em crise.

Enquanto antes dos levantes os pedidos de combate aos extremismos eram apresentados como uma mera questão moral, o combate ao comunismo passa a ser uma medida emergencial de manutenção da paz. Em um primeiro momento, as medidas do governo federal foram alvos de muito elogio pelo periódico. Sua ação dura em relação aos rebeldes não só foi aplaudida como em alguns casos foram solicitadas medidas ainda mais duras, ao mesmo tempo que foi, contraditoriamente, elogiada a sua benignidade frente à “selvageria” comunista.

Se durante o levante o jornal reportou a presença de Vargas em pessoa assistindo os legalistas na repressão aos sublevados do Rio de Janeiro, no dia seguinte ao fim da insurreição, o jornal traz a informação de que o presidente estaria percorrendo a pé os locais onde houve confrontos na capital. Tais representações positivas do chefe de Estado levam à atribuição, no dia 29 de novembro, de “verdadeiro cavaleiro da esperança”, ao mesmo tempo que se iniciam as especulações sobre o paradeiro de Prestes.¹⁶

Os dias finais de novembro são preenchidos pelo relato da “barbárie” que teria acontecido nos estados sublevados, ao mesmo tempo em que as imagens dos legalistas mortos e feridos começam a ser exploradas, como se vê no exemplo que segue, publicado em 30/11:

[Os jornais] fazem um balanço dos sacrifícios materiais impostos à Nação, e registram dolorosas e inumeras perdas de brasileiros que tombaram heroicamente em defesa dos princípios democraticos e do regime republicano, como um nitido exemplo de civismo [...] a violencia inédita dos seus processos, a monstruosidade de certos atos dum primitivismo brutal e insensível, vieram avivar, em todas as consciencias, a necessidade de um combate sem treguas e sem desfalecimentos contra as atividades delirantes de uma minoria que se quer impôr à Nação de uma forma tão espontaneamente cruel e sanguinaria.¹⁷

¹⁶ Elogia-se a atitude do Sr. Getulio Vargas durante os acontecimentos. *A Federação*, 29/11/1935, p.1

¹⁷ Uma fecunda experiência. *A Federação*, 30/11/1935, p.1

A participação da União Soviética não é colocada em dúvida em nenhum momento e seu papel recebe grande destaque, principalmente quando o Uruguai rompe as relações diplomáticas com o país em dezembro, o que é visto como uma prova de solidariedade do país vizinho. O caráter de ameaça estrangeira para a soberania nacional começa a ser imensamente explorado, os participantes do levante começam a ser descaracterizados como indivíduos e são colocados exclusivamente como bárbaros agentes de Moscou ou como tolos e ignorantes usados pelo país estrangeiro.

O mês de dezembro ainda traz um grande volume de matérias sobre os levantes. Ao mesmo tempo em que A Federação trata das prisões, cujo número em determinado momento afirmava ter ultrapassado 2000 - não só onde os levantes aconteceram - também traz notícias menos factuais sobre a infiltração comunista nas escolas e universidades, afirmando ser necessária a identificação dos professores responsáveis por propagar tais ideias subversivas pelo perigo que representam para a juventude.¹⁸

Ainda em dezembro o jornal traz a informação de que a Justiça Federal trabalhava para apurar o envolvimento daqueles apontados como partes do levante e os interrogatórios, segundo o redator, aconteciam diretamente nos centros de detenção. Tais medidas foram inicialmente aplaudidas pelo periódico, assim como as medidas de extradição de estrangeiros identificados como comunistas, a expulsão do Exército e até mesmo a apreensão de livros considerados subversivos.

Uma matéria do dia 20 de dezembro, intitulada "Saneamento Necessário", afirma que a apreensão de livros "comunistas" pelo governo podia parecer uma admissão da ineficiência do governo de combater as ideias comunistas, mas que na realidade se tratava de uma medida para proteger os "ignorantes e incultos" de serem seduzidos por tais ideias considerados irrealistas. Curiosamente, bem ao lado se encontra uma coluna que fala sobre a transformação da leitura e do ótimo trabalho do governo federal no incentivo à leitura pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural.¹⁹

Mas não apenas os ignorantes estariam indefesos perante os comunistas. Em janeiro de 1936, A Federação publica uma longa coluna sobre a prisão de "senhoras

¹⁸ Seleção necessária. A Federação, 07/12/1935, p.3

¹⁹ Saneamento necessário. A Federação, 20/12/1935, p.3.

de distinção" que são colocadas como "mães respeitáveis, virgens irrefutáveis" vítimas do comunismo por serem a favor de parte do programa da ANL que falava sobre os direitos da mulher. Essas mulheres seriam presas fáceis pela sua ingenuidade feminina e se não fosse a infiltração das "idéias extremistas", jamais poderiam ir contra a moral e a família.²⁰

O argumento de que as ideias subversivas e extremistas seriam atraentes para pessoas ignorantes, de defasagem intelectual, tornou-se recorrente no jornal gaúcho. Em certo momento, a cobertura d'A Federação atribui o fracasso do levante de Natal ao nível intelectual dos dirigentes da junta, entre os quais estava um sapateiro.

Nos meses seguintes, porém, as medidas repressivas que eram aplaudidas e vistas como necessárias no combate ao comunismo em um primeiro momento, passam a ser duramente criticadas pelo jornal estadual. O alto número de prisões, que era visto como prova da rápida ação do governo, passa a ser visto como tirania devido à detenção de um grande número de pessoas que viria a ser provado não terem qualquer relação com os acontecimentos de novembro.

Motta (2020) afirma que a imprensa, em sua grande maioria, foi um importante agente político na repressão dos "comunistas", defendendo as medidas do governo e convencendo o público da necessidade das ações repressivas, tendo inclusive se mantido ao lado do governo federal quando as denúncias de tortura aos presos políticos começaram a circular. O fato de *A Federação* não manter a postura de alinhamento com o governo federal, uma vez passado o momento da crise, demonstra o acirramento da cisão entre Vargas e Flores da Cunha.

Nos meses seguintes, começa a construção do que viria a ser um dos episódios-chave do imaginário anticomunista brasileiro. O caráter vil dos envolvidos no levante de novembro de 1935, que começava a ser trabalhado logo após a pacificação, já se encontra praticamente solidificado no início de 1936, assim como o caráter heroico atribuído aos legalistas, com missas sendo realizadas para os caídos e o monumento de Praia Vermelha sendo planejado e amplamente aprovado pelo jornal.

No momento de sua prisão, Prestes já vinha sofrendo por meses uma grande campanha de desmoralização, que já estava em curso antes do levante, mas que se intensifica e passa da deslegitimação para a demonização de sua figura.

²⁰ As mulheres e o comunismo. *A Federação*, 01/01/1936, p.11.

Caracterizado como “espírito diabólico”, “agente de Moscou”, o *Cavaleiro da Esperança* em março, já havia se tornado o “Cavaleiro da *Desesperança*”, amplamente associado com o mal soviético, de forma que sua prisão, no dia 05 de março de 1936, seria uma vitória para o regime ordeiro e democrático.

2. *Masorcas comunistas*²¹

O presente capítulo visa analisar algumas representações anticomunistas apresentadas no capítulo anterior, mas que não foram aprofundadas pela sua proposta panorâmica. Dessa forma, três conjuntos de representações serão tratados aqui: quem eram os comunistas para A Federação e qual sua caracterização pós-insurreição de novembro; Quais foram os discursos proferidos sobre Luís Carlos Prestes, cuja figura - como brevemente mencionado acima - já vinha sofrendo um intenso processo de desmoralização mesmo antes do levante; E, por último, como foram representadas as ações do governo do Rio Grande do Sul no enfrentamento ao comunismo e aos comunistas frente às ações do governo federal. Mais especificamente, será explorado neste último ponto o discurso enaltecedor dirigido ao governador Flores da Cunha pelo jornal frente às críticas ao governo Vargas, em um momento em que a cisão entre os dois governantes começava a se tornar mais clara.

A análise será baseada em cinco colunas de caráter argumentativo, que não se baseiam em nenhum fato específico, mas tratam de analisar o momento histórico em que estão inseridas, a partir do ponto de vista específico do periódico governista. Assim, o primeiro momento do capítulo consiste na identificação de quem o jornal considerava “comunista” e da dicotomia entre o “brasileiro comum” e os “extremistas”. Posteriormente, serão postas em contraponto às representações sobre os “comunistas” presentes na insurreição de novembro e a sua posterior caracterização, que contribuíram para a criação do mito da intentona. Em seguida, será tratado o processo de deslegitimação da figura de Prestes e de sua coluna. Conforme mencionado anteriormente, ele vinha sendo alvo de ataques nas páginas de A Federação muito antes do levante de novembro e após a insurreição ele se consolida no imaginário anticomunista como um agente diabólico de Moscou. Por último, serão analisadas as representações, sempre positivas, do governo do estado do Rio Grande do Sul durante os dias de levante, que por suas ações permitiram crítica ao governo federal por seus excessos, tornando o governo de Vargas um alvo na redação do jornal.

²¹ As masorcas comunistas deixam atrás de si as mais tristes e funestas consequências. A Federação, 30/11/1935

2.1. *Madrigais comunistas*

Ao longo do período analisado, os “comunistas” tomaram diversas formas nas páginas de A Federação. Apesar de sempre serem alvos de atribuições pejorativas, houve um processo de transformação dos meses iniciais de 1935 a março de 1936. Extremistas, agentes estrangeiros, incultos, tolos influenciáveis, brutos sanguinários: esses são alguns dos adjetivos atribuídos aos “comunistas” nos 8 meses analisados. Mas uma vez passada a urgência dos dias de levante, o jornal volta a apostar em colunas de críticas mais sutis, trazendo não só os males do comunismo, mas o que diferencia os comunistas dos “bons brasileiros” e a falta dos marcadores morais do segundo grupo no primeiro: a falta de patriotismo, falhas morais, falta de cultura (ou da cultura estabelecida como enobrecedora), de bravura pessoal ou idealismos nobres.

Ao tratar sobre a contribuição da Igreja Católica para a construção da identidade do inimigo no imaginário anticomunista brasileiro, Rodeghero (2003) ressalta que independente da forma que o anticomunismo católico se apresentasse, a intenção maior residia em colocar a Igreja e os comunistas em campos opostos, de forma a reforçar a distinção entre os grupos. Para isso, a autora afirma que:

Para a definição de uma identidade, segundo Ortiz (1994) exigem-se dois pontos de referência: um externo, que posso servir de parâmetro para o estabelecimento das diferenças, e outro interno, composto de elementos comuns que possam identificar algo, seja um grupo, uma determinada forma de pensamento ou uma cultura (Rodeghero, 2003, p. 30).

Dessa forma, as matérias argumentativas de A Federação, após o fim do levante, tendem a não ser tão agressivas em comparação com as manchetes alarmistas dos dias finais de novembro. Apesar de ainda abusar dos adjetivos para os envolvidos nos levantes - caracterizados como bárbaros, selvagens e sanguinários em matérias mais diretas - nas longas colunas de opinião, a descaracterização dos rebeldes se dá justamente na oposição entre comunistas e não comunistas, o “nós” contra “eles”, nessa dicotomia identificada pela historiadora.

Assinada do dia 12 de dezembro no Rio de Janeiro, mas publicada com grande destaque em primeira página apenas no sábado, 14 de dezembro, *Reação Nacional* de Heitor Modesto é uma das poucas colunas assinadas no jornal. Nela Heitor Modesto avalia que o fracasso do “soviet” de Natal que julga ter se dado pelas características intrínsecas do próprio regime que tentavam implementar. Em seu

parágrafo de abertura, o colunista fala do apoio nacional para com as políticas de combate ao comunismo, apoio que ele atribui aos espíritos de boa fé que se comoveram com os acontecimentos de Natal.

Utilizando Natal como exemplo para amparar seu argumento, o autor fala sobre a formação do triunvirato do Rio Grande do Norte - com ênfase na posição social de seus líderes: “um sapateiro, um estivador e um sargento” - sendo esse um dos grandes motivos de seu fracasso. Modesto acusava o movimento de não possuir um comando militar eficiente, justamente pela característica de igualdade entre os homens pregada pelos comunistas, que não vê distinção entre um sargento e “um oficial com curso de Estado Maior”. Esse nivelamento seria, então, o grande erro do movimento, pois enquanto um sargento ascende à chefia, os outros permanecem meros “camaradas”, sob o comando de um oficial que não teria a competência para lhes garantir a vitória.

Ainda sobre o nivelamento de classes, o autor argumenta que o mais “odioso” não seria o nivelamento das condições de vida, mas como já havia ressaltado no âmbito militar, o nivelamento das atividades e rendimentos, pois a possibilidade do proletariado ascender socialmente seria o que os motivava e a impossibilidade de tal ascensão seria desmoralizante, como era para os soldados sob o comando de um igual. Já o homem culto e intelectual é considerado um patrimônio da sociedade e depende mais de si mesmo em seu caminho individual do que de uma coletividade e por isso não poderia ser comparado aos demais, uma vez que seu intelecto é necessário para funcionamento social.

Afinal a coletividade vive do trabalho organizado e o trabalho não se organiza apenas com os músculos, no rude labor braçal. O operário, o proletário enfim, sabe e bem que seu bem estar depende muito da inteligência, da cultura e da capacidade dos organizadores intelectuais. Uma simples lei de assistência social, que protege o trabalhador, leva as vezes muito mais tempo para ser feita, pelos *homens de boa vontade* do que o consumido por um artífice no lavôr de uma joia.

Ou seja, para o autor, a falta de um comando intelectual é o que trouxe a queda dos rebeldes de Natal, pois o proletariado necessita dos homens de inteligência para a organização social, pois os incultos só podem aspirar à ascensão social *oferecida* por esses homens de boa vontade. O discurso paternalista, dos bons homens, se vê presente ao longo de toda a matéria, aliado com o discurso meritocrático do trabalho como engrandecedor.

Sobre os insurretos de Natal, o redator prontamente os coloca como gananciosos, saqueadores, como o maior caso do egoísmo humano, já que segundo a coluna, sua primeira medida após a tomada da cidade foi o saque de bancos e casas abastadas. Sendo homens de tão mal espírito, exemplos da covardia, se dispersaram frente à primeira reação legalista, carregando o que podiam consigo.

Em Natal não se registrou o menor ato de nobre idealismo, de renúncia, de severidade na aplicação de medidas que visassem a consolidação da vitória do movimento. Não se apontou sequer um caso isolado de bravura pessoal e do espírito de sacrifício pela causa.²²

O caso dos saques na cidade de Natal é um tema amplamente explorado nas páginas do jornal desde a tomada da cidade e rendeu diversas matérias - inclusive acompanhando a fuga dos rebeldes “saqueadores”, que foi extensamente utilizado para reafirmar a vileza e a falta de caráter dos revolucionários.

Em seguida, Modesto trata do que difere o bom brasileiro dos “saqueadores comunistas”. Para ele, o brasileiro ama a liberdade, mas acima de tudo ele ama sua pátria, se comove diante da bandeira nacional e comemora as glórias passadas. Ou seja, tudo o que os “comunistas” não fariam, já que estariam trocando a liberdade por uma ditadura e sua bandeira pela da URSS. Assim, nas palavras do colunista, “a alma popular não compreende a traição à pátria”.

Os bons brasileiros, porém, não seriam apenas aqueles avessos ao comunismo, mas aqueles que frente à ameaça à Pátria se mantêm vigilantes e efetivamente colaboram com as autoridades, não recorrem ao silêncio em um momento de crise. Em outra coluna, do 27 de novembro, o periódico colocava o silêncio dos homens frente ao perigo comunista como antipatriótico e, portanto, criminoso.²³

Para o autor, ainda, se o comunismo tivesse sido bem-sucedido, seu domínio seria tão trágico que seus próprios apoiadores tratariam de derrubar o regime, pois ele lhes privaria de todas as conquistas que o governo democrático lhes proporcionou. Assim, Modesto volta a exaltar as “generosas” leis de assistência social: “A boa vontade da nação para com eles [trabalhadores] é tamanha que a

²² Reação Nacional. *A Federação*, 14/12/1935, p.

²³ O momento. *A Federação*, 27/11/1935, p.3 - A coluna afirma que além da ação esperada dos bons brasileiros, que o extremismo e a anarquia ameaçam a ordem e os “maus brasileiros” pretendem voltar para a antiga república. Saúda a revolução de 30 e clama que todos sejam como “aquela massa eletrizante” em defesa do regime.

nossa constituição lhes deu até representação no Poder Legislativo.” O tema é muito presente nas páginas do jornal desde o lançamento da ANL com seu lema de “Pão, Terra e Liberdade”, tendo tido diversas colunas dedicadas a desmantelar o lema por se tratar de um “absurdo no Brasil”.

A título de exemplo, Mobilização Intelectual, do dia 5 de dezembro, é uma dessas matérias a se debruçar sobre o lema da Aliança. Nela, afirma que um dos maiores problemas brasileiros seria o excesso de “liberdade” que permitiria “explosões de indisciplina” que resultaram nos levantes; sobre “pão”, a realidade do proletariado brasileiro seria tão diferente daquela do europeu - onde afirma que tais reivindicações fariam sentido - que apenas aqueles que não queiram trabalhar suplicavam por um pedaço de pão, pois os trabalhadores “se reúnem em torno à mesa da ceia fumegante” e, quanto à terra, o mal do Brasil seria a falta de trabalhadores querendo cultivar as lavouras para viver no meio urbano, pois o governo ofereceria terras férteis para quem quisesse trabalhar nelas.²⁴

Mas não são apenas os incultos e traidores da pátria que eram vistos como vítimas do comunismo. Aos “homens de cultura”, uma vez noticiado os despojos levados de Natal, o autor também dedica um parágrafo. Esses homens que se deixaram “entusiasmar” pela ideia do comunismo, estes deveriam estar desapontados com o caminho violento e pouco honroso de novembro e, para eles, o melhor castigo seria a humilhação.

Essa não é a primeira vez que o jornal dedica suas páginas aos intelectuais que “se deixaram levar” pela novidade do comunismo. Por vezes, como mencionado no capítulo anterior, esses intelectuais - em especial os professores - eram caso de polícia, de “saneamento intelectual”, mas em outros momentos, como na matéria de Heitor Modesto, eram alvos de chacota.

Em uma notícia do dia 28 de novembro que fala sobre as antecipações e reações às notícias dos levantes, o autor não identificado narra como as pessoas ficavam em frente aos jornais esperando as sirenes das últimas notícias. Nessa junção de pessoas esperando pelas atualizações, entre os muitos que lamentavam, volta sua atenção para os “comentários sigilosos” de três companheiros. Um deles, que o redator afirma empregar dinheiro com altos juros, teria afirmado que apenas os comunistas poderiam endireitar as finanças do país e seguido elogiando o idealismo dos rebeldes, quando, não muito depois, as sirenes tocam com a

²⁴ Mobilização intelectual, A Federação, 05/12/1935

informação que os membros da junta governativa haviam fugido de avião após saquearem os bancos. Após ler a notícia diversas vezes sem nada falarem um ao outro, o homem teria se limitado a se despedir de seus companheiros e partir.²⁵

A coluna é muito diferente do que normalmente compunha as páginas do jornal, se preocupando com a construção de uma narrativa com o uso de falas de seus personagens (reais ou não) e com a explícita intenção de ridicularizar os “recalquesinhos literários” dos homens de letras que acreditassem na existência de um idealismo por parte dos rebeldes que o jornal julga inexistente.

A diferença nas representações dos homens de letras e intelectuais para a classe operária pode ser atribuída ao caráter paternalista presente no discurso de A Federação que é percebida tanto na exaltação das leis de assistência social do governo Vargas e no discurso dos “homens de boa vontade”, quanto na atribuição de ingenuidade a classe trabalhadora, considerada inculta e influenciável, que necessitava da existência de uma censura literária para não se deixar levar pelas ideias exóticas do comunismo.

2.2. Um profissional da Revolução²⁶

Apesar de não ser tão comum a associação dos comunistas ao diabo e ao mal - ao menos no jornal que está sendo analisado e que costumava focar seu discurso no âmbito moral - quando o assunto era Luís Carlos Prestes no período pós-insurreição, sua figura foi reiteradamente apresentada como diabólica.

Muito antes dos levantes, Prestes já era alvo das críticas do jornal por meio do trabalho de deslegitimação do legado da Coluna Prestes e pela tentativa de invalidação do mito do Cavaleiro da Esperança. Durante o breve período de legalidade da ANL, sua figura foi intensamente explorada contra a entidade.

Após o levante, Luís Carlos Prestes se torna o inimigo número um nas páginas de A Federação. A aversão à sua figura é representada muito mais abertamente do que ao restante dos “comunistas” envolvidos na insurreição, pois a esses, apesar de representados como bárbaros e sanguinários, ainda lhes era atribuída a nuance da ignorância inculta. Já Prestes, para o anticomunismo brasileiro é representado como tão nocivo quanto Lenin, sendo em diversos momentos citado

²⁵ O idealismo dos rebeldes. *A Federação*, 28/11/1935, p.3

²⁶ Um Profissional da Revolução. *A Federação* 04/12/1935

em pé de igualdade com o líder da Revolução de Outubro nas páginas do jornal, como se um estivesse para a Rússia como o outro para o Brasil.

Para analisar o discurso em torno da figura de Luís Carlos Prestes, serão utilizadas duas matérias que acredito que abordam grande parte dos sentimentos de repulsa e ressentimento presentes em sua representação no jornal gaúcho durante o período analisado. A primeira se trata de uma coluna anterior ao levante, quando o discurso anticomunista começou a ganhar mais espaço nas páginas d'A Federação por conta da propaganda antialiancista; a segunda é uma matéria posterior à insurreição de novembro, quando o envolvimento de Prestes já era conhecido e ele se estava sendo procurado pela polícia.

Publicada no dia 13 de julho de 1935, no mesmo dia em que é noticiado o fechamento de todas as sedes da ANL por decreto federal do dia anterior, *O "tabu" que o silencio gerou* é uma longa coluna dedicada a atacar diretamente Prestes e sua "Coluna Invicta", referida em todos os momentos da coluna como "Coluna da Morte".²⁷

A matéria, que não é assinada, inicia afirmando não saber o que de notável foi realizado por Luís Carlos Prestes para ser uma figura tão prestigiada e que era conhecido por uma "marcha forçada" de "meia duzia de andarilhos" denominada, de acordo com ele, pelo povo rio-grandense de "coluna da morte". Segue afirmando que se Prestes não tivesse fugido para o exílio e ficado no Brasil, logo teriam se desencantado com ele, mas indo para o estrangeiro e não mais retornando, criou-se uma verdadeira lenda a seu respeito.

Para o autor, o idealismo de Prestes é inexistente, pois se de fato fosse detentor de um idealismo verdadeiro, ele teria se unido, juntamente com seus companheiros de Coluna, à Revolução de 30. A sua recusa em se unir a Vargas em 1930 é vista, nesse momento, como uma ofensa ainda maior do que sua adesão ao comunismo. Como será tratado mais adiante, a Revolução de 1930 era considerada como um momento transformador da história gaúcha, símbolo do amor à ordem e à República, tema que é amplamente explorado pelo jornal.

A recusa de Prestes de se unir à Revolução, juntamente com seu autoexílio, leva-o a ser acusado de desconhecer a realidade e os anseios do povo brasileiro e, agora, como "comunista intransigente" pretenderia implementar ideias estrangeiras que não condizem com a realidade e as necessidades de seus conterrâneos sendo

²⁷ O 'tabu' que o silêncio gerou. A Federação, 13/07/1935

um ideal “perfeitamente inútil e absurda para o país que vivemos”. Aqui o redator repete um discurso já muito conhecido para os leitores de A Federação e já abordado anteriormente, de que no Brasil não existe fome - a menos daqueles que não querem trabalhar - pois o trabalho existe em abundância e o que falta são as pessoas, o resto seria apenas o “‘tabu’ dos ‘proletários’ de casaca”, nada relacionado com a realidade do operariado brasileiro.

Assim, as ideias comunistas de Prestes seriam fruto de seu emaranhamento na realidade de outros povos, completamente diferente do brasileiro, povos esses que de fato são oprimidos pelo capitalismo, mas esses problemas estrangeiros e suas soluções nada teriam em comum com a realidade do país. Embora não mencionado, o redator da coluna provavelmente se referia às leis de assistência social, tão elogiadas nas páginas d’A Federação. A coluna é finalizada afirmando que o silêncio gerado pela ausência de Prestes na própria pátria foi responsável por tornar um desertor do Exército em um “semi-deus”.

A investida contra a Coluna Prestes é trabalhada por Motta (2020) em sua análise sobre o imaginário anticomunista, onde afirma que “para maior eficácia na destruição do mito Prestes, investiu-se contra a lenda originadora do Cavaleiro da Esperança” (Motta, 2020, p.112). A Coluna Prestes foi caracterizada como um mero “*raid* militar” ao qual muitas vezes era atribuída a disseminação do terror entre as populações. Aqui, embora não acuse a coluna de tais atos diretamente, a matéria destacada d’A Federação deixa o fato implícito ao afirmar que a denominação Coluna da Morte seria de cunho popular.

Sendo Prestes, como ressaltado pelo autor, “a figura mais importante da história do comunismo brasileiro” (Motta, 2020, p.110), foram muitos os esforços despendidos para desmoralizar sua imagem. O prestígio de sua figura, apesar das tentativas do jornal de afirmar o contrário, contribuiu enormemente para o crescimento do PCB nos anos 30. Esse fato já seria o suficiente para explicar os esforços empregados para desprestigiar os atos que lhe renderam o título de Cavaleiro da Esperança, mas se tratando de um periódico governista gaúcho, outro fato tem um importante peso nas campanhas antiprestistas.

A revolução de 30, como já mencionado, é citado pelo jornal como ápice da herança Rio-grandense para o país. Gilson Junior fala sobre as tentativas de aproximação com Prestes, principalmente conforme se aproximavam as eleições de 1930. Antes visto como inimigo do Rio Grande borgista, sua representação já vinha

sofrendo um processo de reformulação nas páginas do jornal, quando a “narrativa posta por A Federação muda paulatinamente para a inclusão de Prestes entre os brasileiros a serem elogiados e respeitados” (Junior, p.109, 2019) Sua recusa em se unir aos revolucionários de 30 e sua posterior adesão ao comunismo, não só tornou os revolucionários incapazes de fazer uso do mito do Cavaleiro da Esperança para sua causa, como também, agora, conta contava com essa figura popular como liderança de uma oposição já considerada perigosa mesmo antes dos levantes.

Publicado na primeira página do dia 4 de dezembro de 1935, a segunda matéria, *Um Profissional da Revolução*, muda visivelmente o tom da coluna anterior. Em *O “Tabu” que o silêncio gerou*, o jornal buscou desmoralizar a figura de Prestes como apenas um desertor, criticado por sua *falta* de idealismo pela sua recusa a se unir à Revolução de 30. Aqui já inicia atribuindo os levantes do mês anterior ao “espírito diabólico do capitão Luís Carlos Prestes”, que vinha a dez anos usando o Brasil como campo de experimentos para suas ideias políticas.

De acordo com Motta (2020) a associação dos comunistas ao demônio não era exclusividade do discurso católico, mas a demonização explícita, como vemos aqui, ocorria raramente fora dos periódicos católicos: “o mais comum eram referências implícitas, que criavam vínculos indiretos entre os revolucionários e as forças do mal”, como foi observado com as representações dos “comunistas”. Mas, se tratando de seu líder, mas, ao menos em A Federação, isso não se aplicava ao seu líder.

Se anteriormente lhe era negado qualquer mérito ou atitude notável de admiração, aqui o prestígio adquirido pelo revolucionário é atribuído à confusão de seus anseios com os do Brasil, até, obviamente, a Revolução de 30, quando sua recusa começou a apagar a lenda criada em seu entorno, para somente agora, frente aos acontecimentos de novembro, todos perceberem o seu caráter nocivo para a ordem. Ou seja, havia idealismo na coluna das campanhas de 24, e sua lenda teria se formado por conta dos ideais que acreditavam defender, para só mais tarde, perceberem suas reais intenções, já não mais consideradas idealistas.

Diferente da coluna analisada anteriormente, que além de atacar a figura de Prestes, buscou deslegitimar o prestígio da coluna que leva seu nome, aqui o redator a coloca como parte das “campanhas reivindicatórias do país”, ainda que para afirmar a decepção de todos aqueles que acreditavam em seu líder. Já não se

tratava mais de uma “coluna da morte” e sim um movimento legítimo cujo legado teria sido corrompido pelos atos de seu líder.

Sobre o manifesto da ANL de 5 de julho de 1935, o autor afirma se tratar de um “manifesto violento cheio de odios e rancores insoptaveis”, no qual Prestes estaria atacando seus próprios companheiros de coluna por não se curvarem “aos seus novos caprichos”. Prestes, de acordo com a matéria d’ A Federação seria agora repudiado tanto pela opinião pública quanto por seus antigos companheiros, não passando de um agente de Moscou.

Seu trabalho como propagandista comunista, afirma a coluna, era considerado inofensivo até passar do plano teórico, mas “teve agora um epílogo de tragédia que obriga necessariamente a medidas repressivas muito diversas das que se tem tomado até este momento”. Não só as medidas deveriam ser mais duras como os eventos que se desenrolaram deveriam servir de aviso, de forma a deter que ideias nocivas de um homem capaz de atos tão desumanos, fossem espalhadas.

A diferença entre as duas colunas é visível. Enquanto a primeira procurava deslegitimar uma figura popular que encabeçava uma organização antigovernista que crescia rapidamente, na segunda o pânico causado pelo levante já era considerado justificativa o suficiente para os ataques a Prestes, de forma que não era mais necessário negar seu idealismo passado ou desmoralizar sua Coluna, uma vez que atacar sua figura se tornava mais fácil.

Ao fim do levante, Luís Carlos Prestes não era mais apenas alguém cuja ausência gerou um mito não merecido, mas um assassino cruel, um revolucionário profissional, cujos “planos diabólicos” causaram intranquilidade e inquietação no povo brasileiro, cujas quarteladas levaram à “matança fria de companheiros”.

2.3. No Rio Grande reina a paz

Como mencionado anteriormente, durante o levante o governo do estado e, por extensão, A Federação, assumiram uma postura de alinhamento com o governo federal. Os esforços anticomunistas de Vargas foram, em um primeiro momento, amparados e elogiados pelo jornal. Apesar de os conflitos entre Vargas e Flores da Cunha já terem se agravado nesse período, Diorge Konrad (2020) afirma que muito

por conta de um relatório recebido de Filinto Muller acerca de atividades comunistas, o governador resolve voltar seu apoio ao governo federal.

Ao mesmo tempo, porém, no âmbito estadual, a postura do periódico era enaltecedora para com o líder do estado e suas medidas de combate aos “extremismos”, ainda mais que em relação ao governo federal. A título de exemplo, uma coluna se torna recorrente nas páginas de A Federação. CONTRA O COMUNISMO! se trata de uma coluna que se resume à simples transcrição de telegramas recebidos por Flores da Cunha, os quais variavam de elogios à sua política a de ofertas de homens para lutar contra o comunismo. Como pode ser visto a seguir:

Novo Hamburgo, 27 - General Flores da Cunha, D. D. Governador do Estado - Porto Alegre.

Em face do movimento subversivo irrompido em diversos Estados do norte, confiamos no eminente chefe que com absoluta firmeza assegurou e manteve a paz e a ordem desde a revolução paulista, também agora mantenha a paz dentro do nosso Rio Grande.

Para a defesa do patriótico governo de vossencia e nossas instituições estamos ao inteiro dispor de vossencia e aguardaremos suas ordens. Atenciosas saudações. - Pedro Adams Filho e Cia²⁸.

Para analisar as representações do governo do Rio Grande do Sul n'A Federação e as representações do governo federal pós-insurreição, começaremos analisando uma pequena coluna intitulada “Alerta, o Rio Grande”, que apesar de não estar em uma posição de destaque no jornal - localizada na terceira página - sumariza a postura regionalista assumida durante a cobertura dos levantes e a visão de superioridade do Rio Grande, muito por conta do seu líder, mas principalmente da construção da herança riograndense frente à Revolução de 30.

A pequena coluna foi publicada no dia 27 de novembro, dia em que era noticiado o levante na capital federal e, por isso, os destaques do jornal ainda se concentravam nas últimas notícias da insurreição. Localizada na terceira página, tomada quase inteiramente por outras matérias de caráter argumentativo sobre o momento nacional, *Alerta, O Rio Grande* fala sobre as responsabilidades do povo gaúcho no cenário político nacional.²⁹

²⁸ Contra o comunismo. A Federação, 06/12/1935

²⁹ *Alerta, O Rio Grande*. A Federação, 27/11/1935

A coluna, não assinada, discorre longamente sobre a paixão do Rio Grande pela Pátria. Dominados por esse amor, os riograndenses teriam deixado de lado, em 1930, os seus interesses pessoais e assumido um compromisso com o povo brasileiro ao marchar para derrubar a política opressora. Não é só o papel na Revolução de 30 que é atribuído à herança da ordem do Rio Grande do Sul. Também em 32, a coluna afirma, o estado havia se mantido unido para evitar o retorno da ordem pela qual teriam pego em armas e lutado para mudar - em uma óbvia alusão ao levante de São Paulo que criaria a racha no PRR.

Apoiadas pela FUG no Rio Grande do Sul, as revoltas paulistas contra o governo provisório esperavam contar com a participação do interventor rio-grandense na “nova cruzada redentora” (Rangel, p. 26, 2007). A não adesão de Flores da Cunha, que apesar de ter dado sinais de apoio a revolta, se manteve ao lado de Vargas e do governo provisório, resultou na rápida derrota das forças Rio Grandenses e no exílio das lideranças partidárias que compunham a FUG. A racha criada dentro do Rio Grande do Sul criaria o PRL unindo os membros do PRR e PL que se mantinham fiéis ao governo provisório de Vargas.

Se voltando para o momento presente, o redator coloca o estado, novamente, como sustentáculo da democracia e da ordem, lutando contra qualquer um que tentasse alterar a ordem estabelecida pela Revolução de 30 e por isso

O Rio Grande, na vanguarda dos defensores da Patria, não espera o toque de clarim dado por outrem para a defesa da Republica, mas ele proprio faz ressoar a chamada dos filhos de Bento Gonçalves. Ainda agora damos exemplo disso, pondo-nos à disposição da ordem, contra qualquer tentativa comunista.

Com isso, a coluna encerra afirmando que os habitantes do Rio Grande do Sul sempre se manterão alertas, prontos para defender a Pátria com a própria vida, se necessário.

Apesar do forte regionalismo e do discurso de povo escolhido, nesse momento as ações do governo federal não foram *fortemente* criticadas, apesar de algumas críticas já começarem a aparecer. Na mesma página, uma coluna assinada por Alberto de Brito levanta uma crítica contra a Lei de Segurança Nacional, mas diferentemente das críticas da minoria parlamentar, ao ser aprovada, Brito criticou a *benignidade* das penas aplicadas pela LSN.

Esse não foi o primeiro caso de ressalvas ao governo Vargas levantadas nas páginas do jornal. Logo após a decretação do estado de sítio, ação extremamente elogiada, o jornal reproduz uma breve coluna do jornal *A nação* que apela para que Vargas utilize os poderes discricionários do Estado de Sítio para manter a paz na nação e não se desvirtue com injustas violações às liberdades individuais.³⁰ Mas, nesse momento, o jornal ainda se mantém fortemente alinhado com as políticas repressivas do governo federal, a exemplo da posição de Alberto Brito, que embora estivesse criticando a LSN, era justamente por achar que as punições deveriam ser maiores - como o envio de todos os adeptos ao comunismo para a União Soviética.

A partir do final de janeiro de 1936, porém, as críticas às ações do governo federal começam a se tornar mais visíveis nas páginas do periódico. Publicada em primeira página no dia 24 de janeiro, a coluna intitulada *Em torno de um manifesto* comportava críticas à censura da imprensa, que apesar de ser considerada necessária em momentos de agitação, não vinha sendo feito de forma justa por não se basear em um único padrão de conduta. Nesta coluna Flores da Cunha é louvado por não se aproveitar do Estado de Sítio para cercear as liberdades dos gaúchos e por prestar solidariedade aos jornalistas atingidos.

A condição dos presos políticos no Rio Grande do Sul é mencionada brevemente na coluna, a qual afirma serem poucos e que esses poucos eram tratados com justiça, que teriam sido encarcerados apenas aqueles para os quais não existisse dúvida de sua culpabilidade. Apesar de ser uma breve menção, é importante ressaltar pelo fato de que o tratamento dos prisioneiros políticos viria a ser uma das maiores críticas do jornal às ações do governo federal.

Já tendo sido mencionado em alguns instantes a existência de falsas acusações de comunismo contra desavenças pessoais ao redor do país, no dia 13 de fevereiro foi publicada *Uma atitude invariável*, coluna sem autor, dedicada exclusivamente para as ações repressivas contra os “comunistas”.

Inicialmente, o redator traz um panorama sobre os esforços repressivos dentro do estado no combate ao comunismo. A linha seguida pelo governo do Rio Grande do Sul, afirma, era uma linha de conduta moderada que alavancou o estado para o primeiro plano entre os estados da federação. Essa conduta moderada, pelas forças do estado, se devia a nada mais que a superior orientação de seu governador, que não permitia que ocorressem os excessos que estavam ocorrendo

³⁰ Um apelo da “A Nação”. A Federação, 26/11;1935, p 1

em outras partes do país. Por conta disso o “rio grande não caiu no extremo oposto das perseguições e violências à menor suspeita de extremismo, não encheu seus presídios de indivíduos inofensivos, por menores temores infundados”

As críticas contra as ações do governo, se dão aqui similarmente à forma observada nas representações dos “comunistas” no início do capítulo, pelo contraste, pela negação de tais ações, consideradas imorais, pelos bons homens - nesse caso, Flores da Cunha – contrapondo as ações que são realizadas pelos opositores.

Se o governo de Vargas estava abusando do poder excepcional recebido do estado de sítio, como a coluna deixa implícito, o governo de Flores da Cunha era elogiado por fazer o oposto. O autor afirma que, sabendo da força de seu aparelho repressivo, o governo estadual se manteve vigilante, pronto para tomar as medidas cabíveis se necessário, mas sem excessos e atos arbitrários, dando a entender que o governo federal sim, utilizava de excessos e arbitrariedades.

Como já foi diversas vezes mencionado, a paz no estado durante os momentos de agitação é um ponto central do discurso d’A Federação que partia de uma longa tradição do jornal de diminuir os eventos que abalavam a ordem governante. Gilson Junior (2019) menciona, em sua análise sobre os movimentos de 24, como o periódico reforça os esforços do governo de acabar com a revolta e que “o movimento está sendo derrotado [...] reinava a calma em todo estado” (Junior, p. 100, 2019). Aqui, porém, essa paz é atribuída - além da liderança do “preclaro governador” - à fidelidade de suas tropas e ao apoio recebido pelo governo por parte da população, que se encontrava - como o jornal tratou de demonstrar com as transcrições dos telegramas - pronta para agir contra qualquer tentativa de insurreição no estado.

A maestria política de Flores da Cunha é atribuída à sua “personalidade política formada nas lutas e entrechoques das agitações partidárias” que lhe concedeu ao mesmo tempo uma visão aguçada do perigo, mas também grande capacidade de tolerância.

Rafael Saraiva Lapuente (2016) afirma que as vitórias eleitorais do PRL e a garantia da ordem por Flores da Cunha no estado, o colocaram como um importante aliado de Vargas, mas por conta do prestígio do antigo interventor - governador eleito indiretamente em 1935 - este passa a se aproveitar da situação de chefe do estado natal do presidente para influir na política nacional e alavancar seus aliados

em outros estados. Tendo os primeiros desentendimentos entre os estadistas ocorrido ainda em abril de 1935, quando Flores da Cunha leva Góes Monteiro a pedir demissão, o conflito entre os dois começava a se tornar público, como as ressalvas apresentadas em novembro após a decretação do estado de sítio demonstram.

Barros afirma que “não há nada de neutro na mais simples escolha encaminhada pelo jornal acerca do *que* informar, de *quando* informar, de *como* informar” (Barros, 2023, p.45). Dessa forma, a constante exaltação do governo estadual durante o momento de crise é um reflexo da busca por projeção nacional do governador. Em processo de rompimento com o governo federal, suas críticas vinham sempre acompanhadas de elogios ao governo Flores da Cunha - cujas ações eram exaltadas desde o início nas páginas do jornal - enquanto as ressalvas em torno do governo central eram apresentadas, mesmo nos momentos de apoio, de forma que, agora, as críticas eram feitas sem nenhuma contradição, já que de acordo com as páginas de A Federação, o Rio Grande do Sul estava a serviço da ordem, sem abusos de poder e, ainda sim, em paz.

3. Considerações Finais

Neste trabalho busquei analisar as representações anticomunistas no jornal A Federação; quem eram considerados comunistas na redação do periódico; a evolução do discurso anticomunista ao longo do período conforme o levante de novembro se aproximava; as mutações sofridas pós levante e como as figuras centrais desse cenário eram representadas, tais como Luís Carlos Prestes, o governo de Flores da Cunha e Getúlio Vargas, principalmente conforme o rompimento do dois governantes se tornava mais aparente. Para isso, além do jornal analisado, a pesquisa foi amparada em uma ampla bibliografia sobre anticomunismo brasileiro, ANL e o levante de novembro, assim como trabalhos sobre o governo estadual e seu conflito com o governo federal no período estudado.

A análise dos eventos de 1935 por meio do jornal a Federação fornece mais do que a visão da imprensa gaúcha sobre o turbulento ano de 1935; fornece, também, a visão muito particular do partido, que mesmo em meio a atritos governava o Rio Grande do Sul, possibilitando observar os conflitos e mudanças de alianças do governo estadual em um momento político turbulento tanto para o estado quando para o país.

Como ressaltado por diversos historiadores, o anticomunismo brasileiro é muito mais antigo que a insurreição de novembro de 1935. O uso de suas representações e sua progressão nas páginas do periódico ao longo do período analisado demonstra a mutabilidade empregada no termo, sendo possível perceber a lenta mudança nas representações. Onde inicialmente se tratava da comum banalização para atacar ideias antagônicas, usando a desinformação como chave para a propagação anticomunista, passa a uma generalização direcionada para a esquerda com a ascensão da ANL, se tornando, mais tarde um discurso mais direcionado - apesar de nunca perder seu caráter generalizador - uma vez que agora os medos anticomunistas se materializam no levante de novembro.

Os três momentos analisados no primeiro capítulo buscaram mostrar o acirramento do discurso anticomunista conforme este se tornava mais urgente e começava a se fixar no imaginário brasileiro. Ao fim do período analisado elementos chaves que seriam usados como justificativa para as políticas autoritárias já estavam em processo de formação, tal como o monumento de praia vermelha que se tornaria um personagem importante para a perpetuação do pânico anticomunista nos anos que se seguiram.

Os comunistas, sempre representados como extremistas, inicialmente podiam variar tanto entre membros do Partido Comunista, quanto trabalhadores, até membros da FUG. Com o crescimento da ANL, cuja participação comunista era conhecida, apesar de não exclusiva, o anticomunismo passa a se voltar contra os aliancistas, usando a figura de Prestes como uma das principais fontes de ataque a organização.

Por último, o período de novembro a março, direciona a propaganda anticomunista para os participantes do levante, esses sendo, sem dúvida alguma, caracterizados como comunistas, mas não apenas estes, criando-se um clima de caça às bruxas, onde o mínimo alinhamento de ideias podia lhe render o título de comunista.

No segundo capítulo, busquei aprofundar a análise de alguns aspectos mencionados no capítulo anterior baseado em colunas selecionadas. Em primeiro lugar, quem eram os comunistas para a redação de A Federação. Como mencionado anteriormente, o termo sofreu um grande processo de mutação ao longo do ano. Outro aspecto interessante observado nas páginas de A Federação, é o fato de as diferentes representações dos “comunistas” se alterarem baseado em suas posições sociais: apesar da forte perseguição, nota-se um forte discurso paternalista no jornal estatal que tende descartar as ações da classe operária pela ingenuidade de sua falta de intelecto, enquanto os intelectuais “são deixados levar” pelas ideias exóticas.

Em seguida, busquei analisar as representações de Luís Carlos Prestes, figura extremamente visada durante o período de ascensão da ANL. Da mesma forma que com os “comunistas”, se percebe a mudança do discurso antiprestista, as tentativas de deslegitimar sua figura, que inicialmente eram feitas por todos os meios necessários, mesmo que implicasse em atacar tenentes que se uniram a Vargas em 1930, deixou de ser necessário uma vez seu papel em novembro foi desvendado. Com a insurreição de novembro, o ataque à Coluna não se faz mais necessário - reassumindo o posto de parte das campanhas contra a Primeira República - pois o pânico causado era o suficiente para demonizar sua figura sem a necessidade de outros ataques.

Por último busquei analisar as representações referentes ao combate comunista pós insurreição, tanto no âmbito estadual quanto federal. O acirramento das tensões entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha pode ser claramente percebido

nas páginas do jornal em sua progressão, utilizando o levante e a forte propaganda anticomunista como munição. Enquanto durante o pânico inicial do levante, o periódico apoia amplamente as ações do governo federal, um afastamento gradual começa a ser percebido uma vez que fica claro se tratar uma ameaça externa ao estado, permitindo, conforme o racha entre Flores da Cunha e Vargas aumentava, o uso das mesmas medidas antes aplaudidas como forma de criticar as ações que o jornal desde início mostrava certa ressalva por medo de um autoritarismo federal.

Nesse momento, percebe-se que o forte discurso regionalista do Rio Grande como sustentáculo da ordem se torna mais proeminente conforme as ações do governo estadual de manutenção da paz são exaltadas como uma forma de crítica aos excessos do governo federal. Aqui a crítica ao governo de Vargas que antes eram apresentadas como ressalvas e esperanças de um bom uso dos poderes extraordinários concedidos pelo estado de sítio, já não são mais veladas conforme o conflito entre Vargas e Flores da Cunha começa a se tornar público. Vemos então as ações do governo estadual sendo exaltadas enquanto as ações do governo Vargas passam a ser taxadas de autoritárias.

Essa pesquisa sofreu com algumas restrições por motivo da fonte escolhida, por se tratar de um jornal partidário sua visão específica não representa a grande imprensa da época e por isso se trata de uma análise limitada. Da mesma forma, a falta de dados sobre a repressão à insurreição de novembro no Rio Grande do Sul se fez sentida, por se tratar de um periódico governista a grande ênfase nas ações repressivas do governo estadual buscou trazer a ideia de uma revolta externa que não teria afetado o estado, sendo as prisões no Rio Grande do Sul brevemente comentadas pelo jornal, menos como uma questão informativa e mais para fornecer um contraste ao alto número de prisões feitas pelo governo federal.

Apesar disso, visei demonstrar que as representações anticomunistas d'A Federação variavam de acordo com o momento político retratado em suas páginas, sendo o "comunismo" combatido uma figura incerta que variava imensamente no espectro político. Com o levante, as representações dos "comunistas" se tornam um pouco mais centradas, sendo agora representados pelos participantes do levante e, mais obviamente, por seu líder Luís Carlos Prestes. Em âmbito estadual, as características intrínsecas do jornal trouxeram uma forte propaganda florista, usando o "comunismo" como uma forma de atacar seus adversários, seja lhes atribuindo o título de comunistas ou pelos excessos cometidos em seu combate.

FONTES

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Comicio esta noite, A Federação, 05/07/1935, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. A polícia e a Aliança Nacional Libertadora, A Federação, 06/07/1935, p. 2

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. A atitude da minoria, A Federação 19/07/35, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Em defesa da democracia, A Federação, 22/07/1935, p.1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. A Ação Social Brasileira, A Federação, 22/07/1935, p.1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Uma medida do governo sovietico, A Federação, 19/07/1935, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. A sede de sangue dos comunistas, A Federação, 11/07/1935 p.4

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Os extremistas e a ação da policia, A Federação, 03/08/1935, p. 8

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Repressão ao Extremismo. A Federação, 11/09/1935, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O lirismo popular. A Federação, 29/10/1935, p. 3

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. SENSACIONAL REPORTAGEM Sobre as Manobras comunistas no Brasil. A Federação, 20/11/1935, p. 4

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O congresso do Komintern. A Federação, 06/11/1935, p.3

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Movimento extremista. A Federação, 25/11/35, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O fim de uma intentona. A Federação, 28/11/35, p. 1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Elogia-se a atitude do Sr. Getulio Vargas durante os acontecimentos. A Federação, 29/11/1935, p.1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Seleção necessária. A Federação, 07/12/1935, p.3

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Saneamento necessário. A Federação, 20/12/1935, p.3.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. As mulheres e o comunismo. A Federação, 01/01/1936, p.11.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. ELEMENTOS EXTREMISTAS PERTURBAM A ORDEM NO NORTE DO PAÍS: As energéticas e prontas medidas do governo, entretanto, já conseguiram dominar os revoltosos. A Federação, 25/11/1935.

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Contra o comunismo! As expressivas provas de solidariedade recebidas pelo general Flores da Cunha por motivo dos surtos extremistas. A Federação, 29/11/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O que a hora exige, A Federação, 30/07/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Uma fecunda experiência. A Federação, 30/11/1935, p.1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Modesto, Heitor - Reação Nacional, A Federação, 14/12/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Campanha contra o comunismo. A Federação, 30/11/35

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. As masorcas comunistas deixam atrás de si as mais tristes e funestas consequências. A Federação, 30/11/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O momento. A Federação, 27/11/1935, p.3

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Mobilização intelectual. A Federação, 5/12/1935, p.1

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. O “tabu” que o silencio gerou 13/07/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Um Profissional da Revolução. A Federação 04/12/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Contra o comunismo. A Federação, 06/12/1935

BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Uma atitude invariavel, A Federação 13/02/1936

**BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca Digital. Em torno de um manifesto, A
Federação 24/01/1936**

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção . A história cultural e a contribuição de Roger Chartier. Diálogos (On-line) , v. 9, p. 125-141, 2005.

BARROS, José D'Assunção . O Jornal como Fonte Histórica. 1. ed. Petrópolis: Editora, 2023.

BOGÉA, Camila de Freitas Silva. A atuação política do periódico A Federação na campanha republicana. Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 162, p. 27-43, jul/2022.

Chartier, R. (1991). O mundo como representação . Estudos Avançados, 5(11), 173-191.

ELMIR, Claudio Pereira. Uma aventura com o Última Hora: o jornal e a pesquisa histórica. Anos 90, [S. l.], v. 19, n. 36, p. 67–90, 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/31063>.

HENRIQUE JUNIOR, Gilson Moura. DE CATAFALCO A HIRSUTOE INGÊNUO CZAR: As representações sobre Luiz Carlos Prestes pelo jornal A Federação (1924-1930). 2019. 152f. Dissertação apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em História – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

KONRAD, D. A. . A Insurreição Nacional-Libertadora no Rio Grande do Sul (1935): a Guerra que Não Houve. In: Gunter Axt. (Org.). As Guerras dos Gaúchos - História dos Conflitos no Rio Grande do Sul. 1ªed.Porto Alegre: Nova Prova, 2008, v. 1, p. 392-408

KONRAD, D. A. . A Aliança Nacional Libertadora no Rio Grande do Sul: Manifestos de Luta Social e Repressão Policial. In: Charles Sidarta Machado Domingos; Alessandro Batistella; Douglas Souza Angeli; Luiz Alberto Grijó; Jonas Moreira Vargas. (Org.). Capítulos de História Política: Problemas e Estudos. Volume 2. 1ªed.Passo Fundo: Acervus Editora, 2020, v. , p. 163-199.

KONRAD, D. A. . Trabalhadores Brasileiros Antifascistas, III Internacional e a Aliança Nacional Libertadora Entre 1934 e 1935: História e Historiografia. In: Clarice Gontarski Speranza. (Org.). História do Trabalho Entre Debates, Caminhos e Encruzilhadas. 1ed.Jundiaí - SP: Paco Editorial, 2019, v. 1, p. 335-374.

KONRAD, Diorge Alceno; VIEIRA RAMOS KONRAD, Glaucia. Da política de proletarização à ANL: o Partido Comunista do Brasil entre 1930 e 1935. Revista Mundos do Trabalho, Florianópolis, v. 14, p. 1–21, 2022. DOI: 10.5007/1984-9222.2022.e88186. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/88186>. Acesso em: 25/06/2023.

KONRAD, D. A. ; KONRAD, G. V. R. ; LAMEIRA, R. F. . Revolução Soviética: Impactos nos Movimentos Sociopolíticos e o Anticomunismo na Imprensa. História: Debates e Tendências (Passo Fundo) , v. 7, p. 122-143, 2008.

LAPUENTE, Rafael Saraiva. A imprensa como fonte: Apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. Revista de História Bilros. História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)., [S.l.], v. 4, n. 6, p. 11-29, ago/2016. ISSN 2357-8556.

LAPUENTE, Rafael Saraiva . Da ruptura ao exílio: o confronto político entre Getúlio Vargas e Flores da Cunha em perspectiva (1935-1937). Cadernos de História , v. 17, p. 385, 2016

LAPUENTE, Rafael Saraiva . A luta pelo poder: A derrota do florismo - uma análise preliminar (1935-1937). Mouseion (UniLasalle) , v. 0, p. 169-188, 2016

LAPUENTE, Rafael Saraiva . Entre o varguismo e o florismo: a atuação da Frente Única Gaúcha no processo de isolamento político de Flores da Cunha. HISTÓRIA UNICAP , v. 3, p. 507, 2016.

LOVE, Joseph L. O regionalismo gaúcho e as origens da Revolução de 1930. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

MARQUES, Raphael Peixoto de Paula. Estado de exceção e mudança (in)constitucional no Brasil (1935-1937). Historia Constitucional (Oviedo) , v. 14, p. 1-35, 2013.

MARTINS, Marisângela Teresa Antunes. À esquerda de seu tempo: escritores e o Partido Comunista do Brasil. 2012. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal

MEZZARROBA, Orides. Plano COHEN: A Consolidação Do Anticomunismo No Brasil. Seqüência, Florianópolis, n. 24, p. 92-101, set. 1992.

MICHEL, Caroline Braga; ARRIADA, Eduardo. Uma missão de estudos ao Uruguai: o debate estabelecido nos jornais Correio do Povo e A Federação. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, v. 18, n. 3, p. 630–653, 2018.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964). 2. ed. Niterói: Eduff, 2020.

NEPOMUCENO, M. A criação de uma Diplomacia Anticomunista no governo Vargas, em 1937. Em Tempo de Histórias, [S. l.], v. 1, n. 33, p. 176–189, 2019. DOI: 10.26512/emtempo.v1i33.23678.

- OLIVEIRA, C. J. DA S. Chartier e Foucault: poder, cultura e representação. *Poliética*, v. 6, n. 2, p. 68–87, 29 dez. 2018.
- OLIVEIRA, Lucy. O Jornalismo Brasileiro Como Ator Político. *Revista Compólitica*, [S.l.] v. 8 n.1, p. 147-64, 2018.
- OLIVEIRA, Marcus Roberto De. A Ideologia Anticomunista No Brasil. *Revista Sociologia E Política*, Curitiba, n. 23, p.185-188, nov. 2004.
- RANGEL, C. R. R. . Governo de Flores da Cunha. In: GERTZ, René. (Org.). *História Geral do Rio Grande do Sul*. 1ed.Passo Fundo: Méritos, 2007, v. 4, p. 17-37
- RAUSCH, Fábio; HOHLFELDT, Antonio. *Jornal A Federação, o difusor da propaganda republicana gaúcha*. *Signos*. Lajeado, v. 28, n. 1, p. 7-21, 2007.
- RIBEIRO, Paula Vanessa. Paz. As fronteiras da dualidade: o discurso político-partidário dos jornais A Federação e Correio do Sul no processo eleitoral de 1922. In: XXVII Simpósio Nacional de História ANPUH/Brasil, 2013, Natal-RN. *História Política e História das Ideias: Diálogos possíveis*, 2013. v. XXVII. p. 625-625.
- RODEGHERO, C. S. . O diabo é vermelho: imaginário anticomunista e Igreja Católica no Rio Grande do Sul. 2ª. ed. Passo Fundo - RS: Editora da Universidade de Passo Fundo, 2003.
- RÜDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*, Porto Alegre: EDUFRGS, 1993.
- SANTOS, Valdir Erick. dos. A luta anticomunista a partir dos órgãos de informação da ditadura brasileira. Orientadora: Profª. Drª. Carla Simone Rodeghero. 2022. 126 f. Dissertação de Mestrado. Mestrado em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Santos, Valdir Erick dos. “Lembra-vos De 35!”: O Anticomunismo Militar Antes E Depois Do Golpe De 1964 Nas Comemorações Da “Intentona Comunista”. Porto Alegre, 2019.
- SILVA, Carla. Luciana. Anticomunismo brasileiro: conceitos e historiografia. *Tempos Históricos*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 195–228, 2012.
- SILVA, Yuri Batista da. A representação de Getúlio Vargas no jornal A Federação durante os anos de 1936 e 1937. *Revista Discente Ofícios de Clio*, v. 6, n. 10, p. 246–246, 2021.

ANEXO A - Reportagem de A Federação

Medida profilática

O Governo Federal ordenou que fossem fechadas todas as sedes e núcleos da Aliança Nacional Libertadora existentes no território brasileiro.

O decreto, que determina essa medida, fundamenta-se nas atividades subversivas desenvolvidas por aquela organização, agora suficientemente demonstradas mediante farta documentação apresentada pelo capitão Felinto Müller, Chefe de Polícia do Distrito Federal.

Telegramas do Rio adiantam ainda, que está nas cogitações do Governo decretar, da mesma forma, a dissolução de todas as milícias integralistas do país.

Já se fazia necessário, sem dúvida, que o Governo tomasse essas medidas acauteladoras da ordem, afim de tranquilizar definitivamente o país, agitado por continuos sobressaltos.

Provada irrefutavelmente a índole, o carácter e as finalidades da A. N. L., conhecida a atuação inquietante e perturbadora da Ação Integralista, nada mais restava ao Governo senão agir desta maneira, evitando assim males futuros e procurando reintegrar o Brasil no seu verdadeiro ritmo de tranquilidade e de trabalho.

Porque não é sómente o fato das ameaças constantes ao regime e da subversão da ordem política e social que entram em jôgo para determinar a extinção das duas correntes que, apenas no nascedouro, já provocam uma verdadeira incandescência nacional.

Mesmo forte como se encontra o Governo, mesmo

aparelhado para sufocar qualquer tentativa de rebelião, ainda assim não se justificava que continuassem esses dois gremios a atear pequenos incêndios num ponto ou noutro do país, com grave dano para a maioria que deles se desinteressava em absoluto.

E' que, além de tudo, a onda avassaladora de ideologias abstrusas invade constantemente o domínio das classes, insinua-se pelas organizações privadas, entra, finalmente, no proprio aparelhamento governamental, para onde leva os germes da indisciplina, da confusão, da desordem e, conseqüentemente, da anarquia que acaba por se implantar.

E embora esses casos sejam isolados, em pequeno numero, sem maior ressonancia na vida mesma do país, basta que eles existam numa classe apenas, para que criem imediatamente esse ambiente de desconfiança e de mal estar, obrigando a intervenções punitivas frequentes e gerando dissídios e malquerenças que fundamente prejudicam o espirito de solidariedade necessário para a vida dessas coletividades.

Assim, o ultimo decreto do Governo Federal deve ser encarado como uma grande medida de profilaxia politica, não só quanto a possíveis tentativas de subversão violenta da ordem social, como especialmente no que se refere a este lento e continuo trabalho subterraneo de indisciplina em todas as forças essenciais da nacionalidade, muito mais nefasto e ameaçador do que o primeiro.

ANEXO B - Reportagem de A Federação

Uma medida do governo soviético

O mundo já pasmou diante da tragédia russa, diante do ciclo que se iniciou com a noite sangrenta de 1917. Os homens de Moscou compeçaram mal o sentido da sua opressão e se intoxicaram com a liberdade conquistada. Drama feito mais de homens que de idéas. A mentalidade do povo russo não estava preparada para uma reação nobre. Pungente contraste com as liberdades conquistadas pela a Polónia heroica, que sofreu treis seculos. Thadcu Koschiusko a Lenine, Stalin e Pilsuiski. Que abismos separam esses homens! E no

entanto foram os mesmos marcos na vida e no destino de um povo. A diferença não repousa tão somente na consciencia de cada um e no grau de cultura das massas que lutaram, mas sobretudo na moral dos homens.

Inumeras tem sido as medidas do governo soviético, oficializadas por decretos, que vem pôr a mostra o grau de espiritualidade e a envergadura moral de seus dirigentes. Si quizermos focar aqui o conceito de família, de honra, de moral e de propriedade no regime comunista, bastaria-nos para isso tão somente a transcrição

das ultimas disposições oficiais do governo russo.

São de pasmar. Chegam a atingir ás raías da selvageria. Fazendo a abstração completa da razão e da moral, vai a Russia se embrenhando por um labirinto fatal e temerario.

Ha poucos dias foram ouvidas pelas estações receptoras de radio desta capital, os comunicados oficiais do governo russo. Entre eles destacou-se um, que pela sua baizeza e pela sua selvageria, constitue uma dolorosa e sombria perspectiva para os destinos daquele infeliz povo.

Trata-se de um meio odioso e repugnante, empregado para a seleção eugénica do povo.

A descrição do método foi fria e sem subterfugios. Clara e serena bastante para mostrar o grau de insensibilidade do governo russo.

O referido método consiste no seguinte. Descremo-lo como foi irradiado. Numa area vastissima, cercada por arame eletrificado com fortças municadas á roda, estão sendo colocadas centenas de virgens, das mais sadias, para serem fecundadas pelos homens mais vigorosos da Russia.

Esta é uma das tantas medidas postas em pratica pelo governo de Moscou. As virgens russas estão sendo reduzidas ás condições de simples reprodutores irracionais!

Depois disso poderá ainda existir entre nós cavalheiros, que aplaudem um regime que usa de tais instrumentos, para tornar forte um povo, nivelando-o aos potros dos campos? Em que moral repousa esse governo?

A resposta fica aos nossos caros leitores, para, melhor sentirem os efeitos nefastos do comunismo russo.

ANEXO C - Reportagem de A Federação

Em defeza da democracia

A minoria parlamentar contra-marchou.

Pisando em terreno falso, repudiada pela opinião publica, a opposição na Camara Federal destituiu o Sr. João Neves da liderança, entregando ao Sr. Otavio Mangabeira a sua defeza, tal a precariedade da situação em que se encontra.

O deputado baiano redigirá um manifesto e procurará desdizer ou dar outra interpretação ao discurso do lider. Não será facil, entretanto, essa tarefa.

Encurralada como se acha a minoria dentro das novas idéas extremistas que adotou, hostilizada por todos os lados, atacada pela imprensa e sob a condenação de um silencio glacial creado pelos seus proprios eleitores que não podiam concordar com as novas atitudes assumidas, — pela violencia, contra a democracia — os deputados oposicionistas procurarão agora, talvez com a mesma logica do primeiro requerimento á Camara, mostrar ao povo que defendem os principios democraticos, embora apoiando as idéas extremistas.

O proprio lider destituido, em carta ao jornalista Tristão de Ataíde, tenta provar que suas palavras foram mal interpretadas.

Mas, o que apenas consegue, é provar que tinha razão o Sr. Raul Fernandes quando insistia em dizer que ele errára o alvo.

De fato, o Sr. João Neves arrastou os seus companheiros a uma triste aventura. Pensando unificar as opposições em torno da bandeira aliancista do Sr. Luiz

Carlos Prestes, o lider da minoria cometeu o maior erro politico de sua vida.

Esqueceu a psicologia do seu povo, as suas tendencias, as suas tradições, os seus pendores. Julgando que todos como ele proprio, seriam capazes de lançar mão de qualquer arma na luta personalista contra o Governo, o lider da minoria e seus companheiros de bancada não trepidaram, um só instante, em enveredar por um caminho que repugna a todos os brasileiros, porque se caracteriza, em ultima analise, pela violencia, pela força, e pelo arbitrio.

Não sabemos de que forma conseguirá a opposição sair desta abertura.

Porque não basta destituir o Sr. João Neves da liderança, uma vez que toda ela apoiou o seu discurso e assinou o famoso requerimento.

Mas, de qualquer forma, declarando mesmo que aquele documento era apocriфо e que o Sr. João Neves não representava o seu pensamento, ainda assim as opposições parlamentares jámais poderão contar com o apoio das classes laboricasas do Brasil. Pois, se a idéa delirante não vingou, foi por ter encontrado a repulsa de todos os brasileiros.

E agora, em face do manifesto e da propria carta do Sr. João Neves, perguntamos, fazendo nossas as palavras do lider oposicionista, a quem coube, nesta emergencia, a defeza da democracia: — ao Governo, fechando a Aliança Nacional, ou á minoria da Camara, desfraldando a bandeira de Moscou?

ANEXO D - Reportagem de A Federação

MANIFESTO

Ao Rio Grande e ao Brasil

A questão social não é uma simples "questão de estômago", como afirmaram Marx e Engels.

Na sua genese, na sua interpretação, nas doutrinas que procuram soluçiona-la, sobreleva o fator espiritual, a causa ideológica.

Os desvirtuamentos da função social do capital, a redução do trabalho humano a simples mercadoria, foram consequências de atitudes injustas, de paixões censuráveis, de classes paganzadas por uma filosofia anti-cristã e materialista.

As doutrinas que procuram resolver a questão social, radicam, inevitavelmente, no fulcro de uma concepção do mundo. Essencialmente, o problema social é a expressão aguda do conflito milenar de duas filosofias da vida: o espiritualismo e o materialismo. Encontra este a sua realização social, política e econômica mais coerente e logica no comunismo; exprime-se aquele, socialmente, nos quadros da ordem cristã.

Pretextando a necessidade de uma total reestruturação econômica, que produziria, automaticamente, a solução de todos os problemas culturais, o comunismo é o temerário ensaio, a grande tentativa de transformação materialista do mundo. Funda-se numa crença — a concepção materialista da historia; ergue-se sobre uma teoria minada pela critica científica — a do valor, como criação exclusiva do trabalho; lança-se em busca de uma igualdade econômica utópica e procura resolver a questão social sob a inspiração da propria filosofia que a gerou.

A cultura que nos propõe, representa uma rutura do curso milenar da vida ocidental. A sua realização na Rússia levou a destruição dos quadros históricos ou naturais da vida social; a abolição da familia, a extinção da propriedade privada, a supressão da liberdade de trabalho e ao esmagamento de qualquer expressão do fato religioso. Pretendendo estabelecer a igualdade econômica e abolir a luta de classes, acabou a igualdade política e civil e não realizou a que prometera. Um milhão de carbonarios tiraniza cento e cinquenta milhões de homens.

A questão social pode e deve ser encarada a luz de uma mais profunda e humana interpretação doutrinal, que lhe ofereça soluções mais equilibradas, razoáveis e justas. Essa interpretação, re-la dá a doutrina social cristã, que lhe atende a todas as faces e lhe considera todos os fatos. Sob a sua inspiração, organizam-se na Europa e na America as forças contrárias ao socialismo materialista. E em torno

de suas bases fundamentais que gravita a politica social e econômica dos Estados que reagem contra o comunismo.

Descançando sobre os fundamentos de uma filosofia espiritualista, afirma o direito da propriedade privada cuja função social reconhece e define; ensina o caráter natural da familia e procura satisfazer as condições essenciais de sua existencia e estabilidade, pregando a monogamia e a indissolubilidade do vinculo conjugal; proclama o Estado como meio de realização do bem comum e sustenta a eminente dignidade da pessoa humana portadora de direitos independentes de reconhecimento pela lei positiva; define o direito a liberdade de trabalho, indica a verdadeira função do capital, cujos abusos derivados do liberalismo econômico, verifica e condena e defende as legítimas reivindicações do proletariado, pregando a necessidade de uma melhor justiça social.

Não crê que a solução da questão social seja exclusivamente econômica e exige a restauração da ordem moral, a recriação dos costumes. As soluções que esta doutrina vigorosa e humana apresenta ao problema são, altas, as que mais se conciliam com o tipo da cultura brasileira.

Os caracteres psicologicos da nossa raça, o nosso vivo sentimento de liberdade e de independencia, as diretrizes da nossa evolução historica, as tendencias da nossa ordem juridica e politica, a inspiração cristã da nossa vida moral, harmonizam-se admiravelmente com, esses principios fundamentais.

Na crise nacional que atravessamos, a neutralidade, em face dos dois sistemas sociais acima apontados, seria criminosa. "A sociedade como já se afirmou, deve conhecer quem está contra e quem está a favor da civilização."

Estamos com a doutrina social cristã.

Pugnaremos, a luz dos seus principios, pela solução dos grandes problemas da hora presente.

Para este combate pela civilização e pela patria, ameaçadas pela barbaria comunista, apelamos para todas as forças vivas da nação, afim de, integradas na Ação Social Brasileira, realizarem este programa de luta por uma mais perfeita justiça na ordem social do Brasil.

1.º — A Ação Social Brasileira tem por objetivo congregar, fóra de quaisquer preocupações partidarias, as forças nacionais que, propondo-se resolver os problemas sociais e econômicos, segun-

do os postulados da sociologia cristã, queiram pugnar pela preservação dos principios fundamentais que estruturam a ordem coletiva e defender a Constituição Federal vigente, enquanto reflete e concretiza estas diretrizes ideológicas.

2.º — A Ação Social Brasileira combaterá toda a atuação direta ou velada, do comunismo e junto aos poderes publicos, agirá no sentido da repressão energica e imediata a infiltração do imperialismo Sovietico na vida nacional.

3.º — A Ação Social Brasileira lutará, afim de reparar por processos legais, as injustiças que viciam a atual ordem social e economica.

4.º — Inicialmente, a Ação Social Brasileira pugnará pela coeretização das soluções razoáveis e oportunas que a Constituição Federal e a Legislação do Trabalho oferecem a questão social e pela remoção das situações de mal-estar coletivo, criadas pelo conflito entre o capital e o trabalho e exploradas pela propaganda comunista.

5.º — A Ação Social Brasileira providenciará especialmente junto aos poderes publicos, para que se dê apoio ás iniciativas e organizações de caráter social, que tenham finalidade harmonica com o seu programa.

6.º — A Ação Social Brasileira não se envolverá em pródios eleitorais, quando estes não interessarem diretamente a defesa dos principios fundamentais que a orientam.

7.º — A Ação Social Brasileira pugnará pela exaltação do sentimento da nossa brasilidade, pela criação de uma consciência mais viva da nossa dignidade de nação soberana, no concerto internacional, sem prejuizo do culto da solidariedade cristã que irmana os povos.

COMISSÃO CENTRAL

Armando Camara — José Luiz Martins Costa — Roque Degrazia — Adroaldo Mesquita da Costa — Felix Contreiras Rodrigues — Amadeu de Oliveira Freitas — Décio Martins Costa — José Pereira Coelho de Souza — Augusto Meyer — Arnenio Márcio Ribeiro — Carlos de Brito Velho — Francisco Machado Carção — Adalberto Camara — Alvaro Magalhães — Ruy Cirne Lima — Luiz Abs da Costa — Ernani Fiori — Ary de Abreu Lima — Victor de Brito Velho — Elias Cirne Lima — Ivo Corrêa Meyer — Raul Moreira — Valdemar Romero — Frederico Falk — Armando Dias de Azevedo — Damaso Rocha.

ANEXO E - Reportagem de A Federação

**SÃO ENERGICAS
AS ORDENS DO
GOVERNO COM
RESPEITO AOS
EXTREMISTAS**

RIO, 22 (A. B.) — Um matutino local assevera que o governo tomou todas as medidas e providencias para a manutenção da ordem em todo o territorio nacional, visando principalmente as atividades extremistas.

As policias, tanto do Distrito Federal como dos Estados, estão aparelhadas com meios de repressão modernissimos, afim de empunder qualquer ação contra os extremistas, tendo elaborado um plano de ação em conjunto, depois de consultados os tecnicos no assunto e os governadores dos Estados.

O plano estabelece que a policia não fique em atitude pacifica, mas passe a uma ofensiva violenta contra os extremismos.

ANEXO F - Reportagem de A Federação

O "tabú" que o silencio gerou

O sr. Luiz Carlos Prestes, que nada tem do outro mundo, si permanecesse em nosso país teria por certo ha muito se desencantado. O que ele fez de notavel entre nós ninguem sabe. Todos conhecem o seu nome por uma circumstancia muito simples. Fez uma marcha forçada através dos sertões brasileiros, chefiando meia dúzia de andarilhos audazes e resistentes, que a imaginação romantica do nosso povo classificou de "Coluna da Morte".

Depois disso, teve a habilidade de se embrenhar no estrangeiro não mais voltando á sua patria. Envolto neste silencio gerador de "tabús", circumvou-se de uma auréola de notabilidade duvidosa.

Os seus amigos diziam que ele era um idealista verdadeiro. A realidade sem sentimentalismos, entretanto, afirmava o contrario. Si o sr. Luiz Carlos Prestes fosse de fato o homem que arrastava consigo a chama de um ideal sincero, teria oportunidades felizes para evidencia-lo. O movimento de '30, tão amplo em suas proporções, tão inédito em seu civismo e tão oportuno em suas nascentes, pois encerrava em sua ação, uma vontade coletiva, capaz de perdoar todos os excessos, foi o instante maximo, em que o sr. Carlos Prestes poderia emprestar a sua colaboração ou fazer vingar os seus ideais si por ventura existissem.

Mas ao contrario do que se pensava, o comandante da "Coluna da Morte" preferiu ficar no silencio enigmatico de seu refugio. Noticiou depois que esteve em Moscou. Agora é comunista intransigente. Afastado do nosso meio, tão propicio, pela vastidão de seu sólo e pela escassez de sua população, á liberal-democracia, e integrado em países em que existem de fato grandes latifundios e excesso de desempregados, o sr. Luiz Carlos Prestes pretende implantar entre nós as ideias extremas de Lenine.

Taboa de salvação, perfeitamente inutil e absurda para o país em que vivemos.

Com esses andrajos de ideias, com que os outros povos pretendem remendar o seu despotismo e mascarar os seus erros, justificar as suas arbitrariedades e corrigir os seus desmandos, tornou-se o desertor do Exército Nacional, num semi-deus para aqueles que colocam os altos interesses de sua patria abaixo de seus frageis pontos de vista, que não são mais que méras intoxicaçõesinhas literarias.

Esses cavalheiros são incapazes de manusearem um "Boletim do Ministério da Agricultura" do nosso país, por exemplo, para tomarem contacto com a nossa realidade, sentindo as nossas necessidades e compreendendo o verdadeiro rumo a seguir, para a nossa emancipação economica, no aproveitamento do nosso sólo tão fértil e fecundo.

O que eles fazem é precisamente o contrario. Procuram sentir a realidade de outros povos, que nunca têm de comum com o nosso. Comodamente sentados em suas "maples" fofas, junto á estufa, devoram, com avidéz quasi gulosa, o drama da fome de outras terras e o grito de rebeldia de outros homens. Homens diferentes aos nossos, oprimidos por um capitalismo de aço, sem entranhas humanas e estrangulados pelos 10.000 braços da maquina moderna, que tudo faz e a todos substitue.

Assim fazem os amigos do sr. Luiz Carlos Prestes. Distantes, como ele, da nossa realidade, buscam no estrangeiro, para enquadra-los aqui, problemas que não vingarão nem seriam gerados pelo nosso meio.

Com um territorio vastissimo e uma população rala, o nosso imenso país está a espera, unicamente, da boa vontade de seus filhos. A ideias extremistas que por aí circulam capitaneadas pelo sr. Luiz Carlos Prestes, o infeliz "tabu" dos "proletarios de casaca" é mais uma afronta ás tradições do nosso país, que, propriamente um grito de desespero e de fome, dolorosa contingencia, que, felizmente, ainda não a conhecem as classes operarias do Brasil.

O silencio gerou o "tabu". Ele existe, fragil demais, entretanto, para sentir o contacto de uma realidade que o ha de desencantar muito breve.

ANEXO G - Reportagem de A Federação

SENSACIONAL REPOR- TAGEM

Sobre as manobras dos comunistas no Brasil

RIO, 20 (A. B.) — "A Batalha" em sensacional reportagem focaliza a agitação comunista em todo o Brasil.

Esse jornal revela interessantes detalhes sobre o plano do Komintern, com relação à América do Sul, especialmente ao Brasil. "A Batalha" diz que estamos representados no Komintern por tres membros; os srs. Luiz Carlos Prestes e F. César, representante dos comunistas de São Paulo, e por um representante de Pernambuco.

O mesmo jornal conta que na reunião de 2 de agosto, o camarada Dimitroff saudou o "verbo quente e vibrante de Luiz Carlos Prestes" segundo se lê textualmente do relatório taquigráfico desta reunião.

"A Batalha" conseguiu o discurso do sr. Dimitroff, que é um notável documento para elucidação das atividades comunistas no país, focalizando que a Aliança Nacional Libertadora é citada sem referência como núcleo comunista, dirigido pelo sr. Carlos Prestes.

Os esforços de conspirador do sr. Prestes foram elogiados pelo sr. Dimitroff.

Diz que o governo do sr. Getúlio Vargas é fraco e pouco energético na repressão do comunismo.

Inumera os meios de infiltração comunista nas classes armadas e diz que anulada a Aliança Nacional Libertadora, outro nome surgirá, por exemplo, "União Brasileira Libertadora".

É interessante também a explicação que dá aos motivos que se usaram para evitar que se transformasse a revolução de 1932 em comunista.

Segundo o sr. Carlos Prestes, o sentimento religioso nos brasileiros e o amor da família não permitiram que em trinta e dois se pudesse consolidar no Brasil o regimen comunista.

Em seguida conclue dizendo que o Komintern está dirigindo a todos os núcleos do mundo uma circular secreta sobre a orientando a palavra de ordem de combata ao fascismo.

No caso brasileiro, o combate deverá ser feito ao integralismo, aproximando-se os comunistas da liberal democracia, conforme as circunstancias, formando-se ao lado das minorias parlamentares na defesa intransigente das liberdades públicas.

Assim os objetivos dos comunistas estão facilmente camuflados.

"A Batalha" termina informando existir na América do Sul um bolchevista eo mo titulo de delegado comercial no Uruguay, chamado Krajerovsky, que superintende o movimento, e que já esteve no Brasil.

LOTERIA

DO ESTADO DO RIO

GRANDE DO SUL

Em benefício de Casas de
Caridade e estabelecimentos
Pios do Estado

DISTRIBUE 75% EM
PREMIOS

Extração a 21 de novembro

ANEXO H - Reportagem de A Federação

Movimento extremista

Telegramas do norte informam que em Natal e Recife irromperam movimentos armados, de caráter comunista, efetuados por forças militares.

O governo agiu prontamente enviando reforços para auxiliar as tropas fiéis que combatem os rebeldes, tendo conseguido localizar o movimento que, ao que se infere das notícias, deveria ter irradiação para outros pontos do país.

No Rio Grande do Sul reina absoluta calma, sendo de esperar que o movimento sedicioso do norte não tenha a menor ressonância em nosso Estado.

O general Flores da Cunha, entretanto, em face desses acontecimentos, não abandonará o Governo, como pretendia, mantendo-se em seu cargo enquanto perdurar a situação creada pelo movimento subversivo do norte.

A frente do governo do Rio Grande, o eminente general Flores da Cunha combaterá implacavelmente o menor movimento de caráter comunista, mantendo com intransigência absoluta a ordem que julga o supremo bem.

ANEXO I - Reportagem de A Federação

O momento

O minuto inquieto que vivemos comportará o gesto displicente e comodo daqueles que se dizem bons brasileiros, porque colaboram com o seu silencio e a sua apatia, para os rumos incertos do nosso povo? O momento não é de méras especulativas inúteis. Só se admite a colaboração do silencio quando o ritmo da vida coletiva não comporta perturbações provocadas por criticas levianas e demolidoras. Fora disso o silencio é criminoso.

Cada brasileiro deve vibrar como célula do organismo total. Sentir a realidade que lhe rodeia e ter uma palavra de fé ou um gesto de energia.

A insensibilidade diante dos rumores subterrâneos, que formam a realidade brasileira, seria a negação do patriotismo. O instante é de ameaças temerarias. A hora é de consciencia e de vontade. E bons brasileiros só serão aqueles que, fugindo do silencio e da apatia, trouxerem como colaboração efectiva, o ardor de seu civismo e o fogo da sua fé.

Confiança no esforço comum, devemos crer em nossas próprias forças. O ceticismo é uma maneira comoda de se mascarar a indolencia e a inercia. O que se diz cético com ufania, se declara covarde com ilsonja.

O momento que atravessamos exige um pouco mais

dos que se habituaram a olhar o Brasil com indiferença e displicencia.

O comunismo ameaçador força as nossas fronteiras; os partidos extremistas pretendem implantar a confusão e a anarquia; os maus brasileiros procuram restaurar a Republica sem justiça que a revolução de 30 extinguiu; os saudosistas do regime decaído, aqueles que vivem no Brasil apenas o instrumento de suas ambições desenfreadas, cavam surdamente os silicórcos da conquista dos renovadores liberais da republica nova; os que trairam seus companheiros da jornada reivindicadora ao estão tambem atentando contra os brios de um povo que soube na tarde de 3 de outubro erguer o braço e exigir justiça.

Sejamos todos na hora presente como aquela massa eletrizante de 30, confiantes em nossas forças e fortes em nossa fé.

Que páira acima de tudo uma consciencia mais viva de justiça, de amor e de patriotismo. Saibamos, dentro da inquietação do momento termos um gesto claro e decisivo, para a defesa do regime, para a garantia das instituições, para o amparo do trabalho, para a prosperidade das industrias, para a tranqüilidade do Brasil e felicidade do seu povo.

ANEXO J - Reportagem de A Federação

Alerta, o Rio Grande

As responsabilidades do Rio Grande, no cenário político federal, crescem à medida que o tempo vai alongando para o passado os dias gloriosos de 30.

Naquela época, dominados pelo amor que continuamos a manter pela Pátria, demos tudo pela vitória da sua própria causa, esquecidos dos interesses pessoais e tendo em mira somente os compromissos assumidos com o povo brasileiro e a necessidade de modificar os costumes políticos que nos oprimiam.

Em 32, fomos o sustentáculo da ordem legal, que reconheceu o concurso eficiente do Rio Grande, sem o qual teria sido restabelecida a ordem anterior à revolução de outubro.

Hoje, cinco anos passados sobre a efeméride gloriosa, somos, ainda, no concerto dos Estados federativos, a mesma voz rebelada contra os que tentam fazer regressar os frutos da revolução; somos o mesmo pensamento e a mesma ação de 30, prontos a desfaldar a bandeira que enrolamos na tarde gloriosa de 24 de outubro, entre os festejos duma alegria que nunca mais esqueceremos e tendo ainda na retina o espetáculo grandioso daquela confraternização espontânea.

O Rio Grande, na vanguarda dos defensores da Pátria, não espera o toque de clarim dado por outrem para a defesa da República, mas ele próprio faz ressoar a chamada dos Filhos de Bento Gonçalves. Ainda agora damos exemplo disso, ponho-nos à disposição da ordem, contra qualquer tentativa comunista.

Sempre há de ser assim. O acampamento volante dos rio-grandenses mantém-se alerta, com os olhos fitos na Pátria, cuja integridade e honra defenderemos a custo da própria vida.

ANEXO K - Reportagem de A Federação

A FEDERAÇÃO

ANUNCIADAS N.ºS. 959 E 963 TELEFONES: 4203 e 4204

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

BAIA, 28 (A. B.) — O CAPITÃO JURACY MAGALHÃES ENVIÓU AOS GOVERNADORES DO NORTE UMA MENSAGEM DIZENDO: "PELA DIGNIDADE DA SOCIEDADE BRASILEIRA, DEVEMOS ESTAR TODOS DISPOSTOS A TODOS OS SACRIFÍCIOS CONTRA A ONDA DE ANARQUIA QUE TENTA ANIQUILAR O PAÍS. A BAIA LUTARÁ CONTRA ESSA ONDA."

ANO LII

Porto Alegre, Quinta-feira, 28 de Novembro de 1935

N.º 143

Moção de solidariedade

Do Rio Grande do Sul, da vibrante vida de sua política partidária, tem brotado, ultimamente, gestos e atitudes do mais acendrado civismo, do amor mais entranhado pela terra, pelas instituições e pelo regime democrático em que vivamos.

Desde a fase inicial dos trabalhos da Assembléia Constituinte que os ilustres representantes do povo riograndense vem mantendo uma conduta política digna dos maiores louvores e da mais franca simpatia.

Compreendendo aquelas deputadas, com alta sabedoria e elevado critério político, que acima das competições partidárias estereotípicas, devem pautar sempre os elevados interesses da coletividade, o seu bem estar, as suas aspirações e os seus mais caros anseios, a vida parlamentar do Rio Grande tem girado em torno de dezessete objetivos, oferecendo ao resto do Brasil um dos mais claros exemplos de patriotismo e de cultura política.

Agora mesmo, quando o país todo foi sacudido, na tranqüilidade pacífica do seu trabalho, por uma violenta rajada subversiva que deflagrou subitamente em diferentes pontos da União, cobrindo de sangue e de luto o glorioso Exército Nacional e criando para o espírito das nossas populações civis momentos angustiosos e inquietantes, de fundas e graves apreensões, a Assembléia Legislativa do Estado, num gesto unânime dos seus representantes, confundidos todos pelos mesmos sentimentos de brasilidade, pela mesma convicção profunda nos ideais republicanos e nos princípios democráticos que constituem a estrutura nuclear do regime ameaçado, apresenta aos poderes constituídos da República, Governo Federal e Estadual, a certeza da sua so-

lidade e o seu vibrante apoio moral.

O ilustre deputado Símeões Lopes Filho, que se fez porta-voz dos sentimentos unânimes da sua bancada numa brilhante oração inflamada dos mais puros e vivos ideais democráticos, traduziu a intensa vibração dos seus pares, as suas aspirações de ordem e de tranqüilidade, o seu profundo amor ao regime, a sua confiança nos chefes que dirigem a Nação brasileira e o grande Estado que representam, e finalmente a repulsa de que estavam possuídos, assim como todos os brasileiros amigos de sua Pátria, pela onda de rebelião e de sangue que se quis levantar no país, afim de afogar as consciências livres no delírio de uma aventura sem precedentes na nossa história política.

O apoio das oposições riograndenses a esta moção de solidariedade, aprovada por toda a Assembléia, veio finalmente completar o sentido de uma atitude que se tornou unânime entre os homens representativos, no ambiente vibrante do Rio Grande do Sul.

Como um só bloco destrutivo na força de sua coesão, o Rio Grande inteiro condena essas manifestações do desespero político de alguns extremistas delirantes que pretendiam criar na atmosfera da Nação democrática o artifício de um credo sem raízes, no terreno da realidade.

Mobilizando suas forças espirituais e materiais na hora do perigo, o Rio Grande dá um exemplo de coragem nas suas convicções e de admirável agilidade militar. A nossa atitude há de repercutir demoradamente em toda a vasta ressonância do país advertido a tempo pelo fracasso das intencionalidades comunistas.

O LEVANTE DE NATAL

Comunicando o seu completo fracasso, o governador do Rio Grande do Norte telegrafia ao general Flores da Cunha

O general Flores da Cunha, governador do Estado, recebeu o telegrama abaixo do governador do Rio Grande do Norte: "Urgente — Governador do Rio Grande do Sul — Paiegre. — Natal, via marinha, do 27-11-35, 22h. — A cidade recomeça sua vida normal já tendo chegado a esquadra de aviões do Exército afim de auxiliar a manutenção da ordem pública. Os oficiais do 2º B. C. voltaram ao serviço de dirigir o serviço de restabelecimento da ordem auxiliando a atuação eficiente da polícia militar. Este Governo já fez seguir zona contingentes afim de auxiliarem as forças ali organizadas em defesa do regime, promovendo o cerco dos rebeldes que foram conduzindo grande quantidade de dinheiro. Que-

O RESTABELECIMENTO DA ORDEM NA CAPITAL DO PAÍS

Causaram contentamento entre o povo carioca as energicas medidas do governo para a sufocação da maçoira

RIO, 28 (A. B.) — Em todos os recantos da cidade nota-se um contentamento geral pela atitude enérgica e decidida do governo e pela disciplina das forças armadas as quais sufocaram o movimento, realçando-se a coragem do presidente Getúlio Vargas, assistindo o desenvolvimento das operações ao lado do general João Gomes e mantendo aliás suas responsabilidades.

Na madrugada de ontem, o capitão Felinto Muler ouviu o inextinguível colaborador da ordem, distribuindo excelente serviço de segurança, com calma e serenidade, revelando-se muito seguro nas suas funções.

Surpreendeu a atitude subversiva do capitão Nelson Melo, um dos chefes da rebelião do terceiro regimento de infantaria, visto esse oficial durante a revolução paulista ter colaborado com a ordem legal, ocupando depois a chefia de polícia de Recife.

O capitão Nelson Melo ocupou depois o cargo de interventor no Estado do Amazonas, cujo governo constituinte recusou, alegando não mais querer se envolver em política.

Efetivamente, o capitão Nelson, após reintegrar nas fileiras, vivia desprezado, pois não dava opinião, nem mesmo mais nele se falou, apressando agora com os revoltosos.

Verifica-se que a sua ação estava sendo desenvolvida silenciosamente como conspiração experimentado, desde vinte e quatro.

O capitão Nelson Melo é natural do Rio Grande do Sul, irmão do bacharel Celso Melo, comissário de polícia, cargo alcançado por este em virtude da influência que teve aquele seu irmão, depois da revolução de 1930.

O fato mais interessante que podemos registrar durante os acontecimentos é que as pessoas avidas pelo restabelecimento da ordem referiam-se que o Rio Grande do Sul podia felicitar-se por ter um governo forte, cheio de autoridade do general Flores da Cunha.

Toda a bancada riograndense esteve com o presidente Getúlio Vargas, felicitando-o pelo restabelecimento da ordem.

O presidente da República, no momento visivelmente emocionado, abraçou um a um todos os seus conterrâneos.

A ESQUADRA CONTINUA EM MANOBRAS

RIO, 28 (A. B.) — A esquadra não teve ordem de regressar das manobras que se encontra realizando na Ilha Grande, visto não haver nenhuma necessidade.

O "ZEPELIN" DESCEU EM RECIFE

RIO, 28 (A. B.) — O Graf Zeppelin amarrou em Recife, às dez horas, de ontem, regularmente.

O MAJOR EDUARDO GOMES FOI BALEADO NUMA MÃO

RIO, 28 (A. B.) — O major Eduardo Gomes foi ferido quando se encontrava próximo do presidente Getúlio Vargas.

RIO, 28 (A. B.) — Os primeiros socorros prestados ao major Eduardo Gomes, que se encontra baleado na mão, foram prestados pelo capitão Garez Ubirajara, ajudante de ordens do presidente Getúlio.

O major Eduardo Gomes foi ferido pouco depois de ter conversado com o presidente Getúlio.

A AÇÃO EFICIENTE DO COMANDANTE DO 3.º R. I. PARA A SUFOCAÇÃO DO GOLPE REVOLUCIONÁRIO

RIO, 28 (A. B.) — Um dos fatores que concorreu grandemente para a sufocação do movimento subversivo do terceiro regimento de infantaria foi a interessante tática do coronel Afonso Ferreira, comandante daquela unidade, que embora situado pelos revoltosos dentro do quartel, conseguiu ligar telefonicamente o aparelho do seu gabinete com o do supremo comando das forças legais, dando a situação e todos os detalhes das rebeliões.

O BOMBARDEIO DO QUARTEL DO 3.º REGIMENTO DE INFANTARIA

RIO, 28 (A. B.) — O bombardeio do quartel do terceiro regimento de infantaria foi feito com tiros admiráveis e precisos pelo coronel Edilene Leal, aliás antigo companheiro de exílio do Nelson Melo.

Os chefes da rebelião de Pernambuco

RIO, 28 (A. B.) — Informam que os chefes do movimento de Recife eram o ex-tenente Sítio Meirelles, capitão Lamartine Lotinho, capitão Otacilio Lima e tenente Boruché.

MORREU DE EMOÇÃO

RIO, 28 (A. B.) — Morreu subitamente o sr. Artur dos Anjos, irmão do ex-deputado Apriego dos Anjos, em sua residência, vitimado por uma cólera, em seguida a queda de uma granada.

NOTA A IMPRENSA

RIO, 28 (F.) — Em nota enviada à imprensa, o governo afirma estar inteiramente restabelecida a ordem em todo o território do Brasil.

TELEGRAMAS DE CONGRATULAÇÕES

RIO, 28 (F.) — O presidente Getúlio Vargas está recebendo numerosos telegramas de congratulações, por ter sido sufocada a rebelião extremista. Entre essas mensagens contam-se algumas de chefes de governos estrangeiros.

NOVAS PRISÕES

RIO, 28 (A. B.) — A polícia continua efetuando prisões, sendo atizadas, porém, somente pessoas notadamente suspeitas.

A PROCURA DO "SANTOS"

RIO, 28 (F.) — Ainda não há notícias do vapor "Santos", em cujo bordo figuram mais ou menos 500 revoltosos do Rio Grande do Norte.

Aviões da Marinha, estão encarregados de procurá-lo.

A CENSURA DURANTE O SITIO

RIO, 28 (F.) — Estabelecida rigorosa censura à imprensa, desde ontem a polícia tomou as providências junto aos jornais desta capital, dando aos seus diretores instruções a respeito da interpretação que se dará à censura durante o sitio.

MORTE DO TENENTE RIBEIRO PINHEIRO

RIO, 28 (F.) — Foi muito sentida a morte do tenente Ribeiro Pinheiro, atingido na cabeça por um projétil dos revoltosos.

O MINISTRO DA VIAÇÃO REGRESSOU AO RIO

RIO, 28 (A. B.) — Com precedência da Baía, chegou, ontem, de avião, o ministro da Viação, sr. Marques dos Reis.

PRESOS 200 REVOLTOSOS DO 3.º R. I.

RIO, 28 (A. B.) — Foi prisionado um batalhão de duzentos homens pertencentes ao terceiro regimento de infantaria.

Alguns prisioneiros declararam que não eram revoltosos, e que, entretanto, produziram fugir.

O FIM DE UMA INTENTONA

As notícias provenientes do Rio, desde ontem à tarde, eram tranquilizadoras quanto à interrupção do movimento extremista naquela capital e no norte do país.

Hoje, amplamente confirmadas as primeiras notícias, sabe-se que a rebelião foi sufocada completamente em todos os focos de sublevação, restando apenas alguns amotinados, dispersos, num ponto ou outro, em fuga ante a energia e pronta ação repressora das forças legais.

Passado o nervosismo natural dos primeiros instantes, o país retorna à calma, já absolutamente tranqüilizado quanto à possibilidade de novas tentativas extremistas.

No Rio Grande, que viveu horas de inquietação nestes últimos dias, não se verificou, entretanto, o menor distúrbio, conservando-se inalterado o ritmo de sua vida em todos os setores do seu ambiente.

Embora nada fizesse presumir uma possível tentativa de subversão da ordem aqui, as autoridades federais e estaduais se mantiveram vigilantes e atentas, prontas a agir com a máxima energia no sentido de reprimir qualquer movimento que se esboçasse.

Assim, o eminente General Flores da Cunha, governador do Estado, o ilustre General Parga Rodrigues, comandante do 3.º Região e o Dr. Paul Medeiros, digno chefe de Polícia do Estado, se mantiveram em constante atividade em seus respectivos setores de ação, tomando as mais energicas medidas preventivas afim de evitar qualquer repercussão aqui do movimento rebeliário deflagrado na capital do país.

Em face do desenrolar dos acontecimentos agora completamente dominados e das seguras medidas tomadas pelas autoridades deste Estado, a população pode ficar tranqüila que não será permitido o menor surto de extremismo no Rio Grande.

Os sindicatos dos marítimos desmentem os boatos sobre uma proclamação grêve da classe

RIO, 28 (A. B.) — Para desta vez os boatos que circulavam, estiveram na Delegacia do Trabalho Marítimo as diretorias de diversos sindicatos das classes definidas sua atuação perante o respectivo delegado, comandante Luiz Barros Falcão. Os presidentes dos foguistas das máquinas chegaram a exigir as circulares que enviaram aos seus associados, afirmando qualquer ideia de greve, mesmo iniciativas de simples reivindicações, no atual momento. O gesto dos marítimos está sendo muito louvado pelo sr. Barros Falcão, que é um oficial do grande autoritarismo e prestígio na marinha.

RIO, 28 (A. B.) — O almirante Prologenes Guimarães, na madrugada de ontem, detendo-se a sua residência, apareceu no Ministério da Marinha, onde ficou até à tarde, rumando em seguida para Natal. As autoridades da Marinha providenciaram para impedir o prosseguimento da marcha do navio "Santos", que deixou o porto de Natal, com quinhentos rebeldes a bordo.

Esse vapor devia tocar em Recife, para abastecer-se de óleo. O "Santos" não poderá navegar, por muito tempo.

O gal. Flores da Cunha elogiou a atitude da bancada liberal em face da decretação do estado de sitio



RIO, 28 (A. B.) — O general Flores da Cunha ditou um telegrama ao sr. João Simplicio elogiando e aprovando sem restrições a atitude da bancada liberal gaúcha, voltando o estado de sitio apenas para os pontos conflagrados do país e para o Distrito Federal.

ECOOU LARGAMENTE A NOTICIA DA OFERTA DE 20.000 HOMENS AO SR. GETULIO VARGAS PELO GOVERNO DO ESTADO PARA SUFOCAR A INTENTONA EXTREMISTA

RIO, 28 (A. B.) — O governo do Rio Grande do Sul ofereceu ao presidente Getúlio Vargas vinte mil homens. Este ato ecoou largamente.

Queriam prender o general Rabelo

RIO, 28 (A. B.) — Comunicam da Baía que o general Manoel Rabelo recebeu ali um radio pedindo que descesse no campo de Iguara. Desconfiado com a origem do despacho, o general Rabelo comunicou-se com um amigo do Iguara, o qual lhe disse que o campo de aviação estava nas mãos dos rebeldes. Por isso, o general Rabelo preferiu descer em João Pessoa.

O "SANTOS" SERÁ CAPTURADO EM BREVE



RIO, 28 (A. B.) — O almirante Prologenes Guimarães, na madrugada de ontem, detendo-se a sua residência, apareceu no Ministério da Marinha, onde ficou até à tarde, rumando em seguida para Natal. As autoridades da Marinha providenciaram para impedir o prosseguimento da marcha do navio "Santos", que deixou o porto de Natal, com quinhentos rebeldes a bordo.

FORAM PRESOS NA BAIA OS REVOLTOSOS DE NATAL QUE HAVIAM FUGIDO DE AVIAO LEVANDO VALORES DOS BANCOS E DO TESOURO

RIO, 28 (A. B.) — O presidente Getúlio Vargas recebeu comunicação de que os membros

da Junta Governativa de Natal fugiram em avião da Panair, levando os valores das reparti-

ções e bancos daquela cidade. O avião amerisou na Baía, onde todos os mem-

brós da Junta Governativa foram presos. O presidente Getúlio também foi cientificado

que uma esquadra de Aviação Naval localizou o rumo do vapor "Santos", o qual conduz mais de quinhentos sediciosos.

ANEXO L - Reportagem de A Federação

ELOGIA-SE A ATITUDE DO SR. GETULIO VARGAS DURANTE OS ACONTECIMENTOS

RIO, 29 (A. B.) — Ainda está sendo muito falada a atitude do presidente Getulio Vargas durante os acontecimentos extremistas de ante-ontem.

O matutino "O Radical" diz que o exemplo do chefe do governo, entretanto não deve ser apenas admirado, mas principalmente imitado por todos e nunca servir de pretexto para o acovardamento geral daqueles que vinham ainda há pouco descobrindo toda a sorte de falhas políticas no presidente da Republica.

RIO, 29 (A. B.) — O sr. Vladimir Bernardes escreve hoje na "Gazeta de Noticias", sob o titulo "Cavaleiro da esperança" um artigo, no qual diz que a intrepida atitude do sr. Getulio Vargas empolgou a opinião.

Entretanto esse gesto fez com que o espirito conservador do país se reabastecesse de uma nova dose de optimismo, na perspectiva de melhores diretrizes governamentais, em face dos principais problemas da ordem publica e da segurança nacional, tão intimamente ligados ás soluções das nossas dificuldades de caracter economico e financeiro. Sob esse aspecto de salvação do regimen, do fortalecimento das instituições, do defensor da sociedade ante o pano rubro de amostra das atividades bancarias dos comunistas em Natal e da revoltante chacina ocorrida em nosso quartel, que se consagrou definitivamente como cavaleiro da esperança no ambiente de apreensões em que vive o Brasil, foi o sr. Getulio Vargas".

ANEXO M - Reportagem de A Federação

O Idealismo dos Rebeldes

Quando correu a notícia do levante armado no norte, não foram poucos aqueles que abriram uns olhos deste tamanho. As versões mais descontraídas eram passadas de boca em boca, com arripesinhos convencionais. Cochichos, com olhadelas para os lados, emprestavam um ar de gravidade a todas as rodas. Os estudantes não foram à Faculdade, os funcionários públicos perderam o ponto e até um inspetor de veículos fez varias vezes o sinal errado.

Quem passasse pela rua não tinha necessidade de ouvir nada para saber que estava se esboçando um inicio de panico. Bastava apenas ver os gestos e olhar a fisionomia contraída, cheia de espanto e comoção dos grupos amontoados diante das pedras negras dos jornais.

Depois as noticias cho-veram e as sirenes apitaram. A sirene de jornal tem sempre um efeito sensacional na alma do leitor assiduo. Os detalhes explicaram que o movimento tinha caracter comunista. O povo continuou enfrente dos jornais.

Alguns lamentaram não ter sido uma revolução política, E isto unicamente porque tinham falhado os seus prognosticos, acalentados com tanto carinho nas mesinhas de café. Outras se exaltavam. Quando souberam que o negocio era comunismo mesmo e que havia luta e mortes, resolveram dar evasão aos

seus recalquesinhos literarios. Então ai valia a pena a gente ouvir os comentarios sigilosos.

Entre outras coisas havia esta:

— Sim senhor, isto é que é idealismo, só mesmo os comunistas podem endireitar as finanças do Brasil.

(E' necessario dizer que o cavalheiro que pronunciou tal exclamação emprega dinheiro a juros de 10 a 20% do mês). A frase dita com enfase parecia ter calado fundo no espirito de seus dois misteriosos companheiros, recostadas num poste, a espera de novos comunicados sensacionais.

Não demorou muito tempo a sirene viuou de novo. Um telegrama de Natal foi fixado no quadro negro do jornal. O povo affluia. O cavalheiro da frase lançou pelo braço a sua plateia. Cochichou mais alguma coisa e se tocou.

O tres leram o telegrama do principio ao fim. Pelo tempo que ficaram em silencio deante do placard parece terem lido o comunicado varias vezes. Nem se olhavam. Depois de muito tempo o homem da frase rendilhada se limitou apenas a dizer:

— Buenas, tchau.

O telegrama de Natal dizia assim:

— "Os membros da junta governativa revolucionaria, que havia sido constituída, fugiram num avião da Bahia, depois de ter saqueado os bancos e o Tesouro do Estado".

ANEXO N - Reportagem de A Federação

A FEDERAÇÃO

ANDRADAS NS. 959 E 963
TELEFONES: 4203 e 4204

ORGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO LIBERAL
IMPRESSO NAS OFICINAS DA IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO

EMBORA PERDUREM, POR MUITO TEMPO AINDA, COM UMA DOLOROSA RESSONÂNCIA PARA A SENSIBILIDADE DO NOSSO ESPÍRITO, AS HORAS AMARGAS E APREENSIVAS QUE VIVEMOS, A TENTATIVA FRACASSADA DO EXTREMISMO PERMANECERÁ DEFINITIVAMENTE COMO UMA FECUNDA EXPERIÊNCIA DA SOLIDEZ DO REGIME E DO VERDADEIRO SENTIDO DAS TENDÊNCIAS COLETIVAS DA NAÇÃO BRASILEIRA

ANO LII

Porto Alegre, Sábado, 30 de Novembro de 1935

NUM. 145

Uma fecunda experiencia

As notícias provenientes de todo o país asseguram felizmente que a tranquilidade baixou novamente sobre o território nacional e que está perfeitamente normalizada a vida das populações brasileiras sacudidas, ha pouco, por uma violenta rajada de extremismo.

Os jornais relatam agora, com pormenores, o caráter de brutalidade assumido pelo movimento, fazem o balanço dos sacrificios materiais impostos à Nação, e registam dolorosas e inúmeras perdas de brasileiros que tombaram heroicamente em defesa dos princípios democraticos e do regime republicano, como um nitido exemplo de civismo consciente, mostrando às futuras gerações os verdadeiros rumos que se delineiam aos anseios e aspirações das coletividades brasileiras.

Passado o tufão rebelião que surpreendeu a Nação na plena tranquilidade de sua vida fecunda e construtiva, restam apenas do drama rapido que a sacudia com um furor de catastrophe, as cinzas fumegantes de um sacrificio que seria absolutamente inutil, se não constituísse, ao mesmo tempo, uma pungente lição ao espirito desviado daqueles que não sentem as realidades ambientais da vida brasileira e julgaram possível a concretização de idéas repelidas e condenadas pela propria consciencia nacional.

Efetivamente, a pronta e eficaz reação das tropas que se mantiveram fieis ao governo, o heroismo e o entusiasmo dos soldados da Republica, e finalmente a

profunda repulsa que causou a todos os espiritos a ação temerária dos rebeldes amotinados, vieram mostrar que o povo brasileiro não só repeliu com grande energia as tentativas extremistas do norte e do Rio, como especialmente fez a mais vibrante demonstração de confiança ao proprio regime sob o qual vivemos e dentro do qual havemos de viver para nossa felicidade e para nossa grandeza maior.

Por outro lado, certos aspectos imprevistos da tentativa prontamente sufocada, a violencia inédita dos seus processos, a monstruosidade de certos atos dum primitivismo brutal e insensível, vieram avivar, em todas as consciencias, a necessidade de um combate sem treguas e sem desfalecimentos contra as atividades delirantes de uma minoria que se quer impôr à Nação de uma formação espantosamente cruel e sanguinaria.

Serenado o ambiente nacional, tranquilizados os espiritos, resta agora um periodo de reparação, que será breve, findo o qual o país retomará de novo o ritmo natural de sua vida de trabalho e de paz.

E embora perdurem, por muito tempo ainda, com uma dolorosa ressonancia para a sensibilidade do nosso espirito, as horas amargas e aprensivas que vivemos, a tentativa fracassada do extremismo permanecerá definitivamente como uma fecunda experiencia da solidez do regime e do verdadeiro sentido das tendencias coletivas da Nação brasileira.

AS MASORCAS COMUNISTAS DEIXAM ATRAZ DE SI AS MAIS TRISTES E FUNESTAS CONSEQUENCIAS

ULTIMAS INFORMAÇÕES E NOVOS DETALHES SOBRE OS SANGRENTOS SUCESSOS DO NORTE E DO RIO

SÃO PAULO, 30 (A. B.) — Foram feitas aqui numerosas prisões. Entre os presos parece estar o general Miguel Costa.

RIO, 30 (A. B.) — Na segunda-feira proxima, a Camara dos Deputados conhecerá a mensagem do presidente Getúlio Vargas pedindo ao poder legislativo a decretação de leis necessarias á defesa da ordem.

RIO, 30 (A. B.) — Foi preso, sendo recolhido a Casa de Detenção, o capitão David Trompowsky.

RIO, 30 (A. B.) — O major Misael Mendonça deixa sozinha no mundo uma filha de quinze anos. O major Misael foi quasi cortado pelo meio, por uma rajada de metralhadora, depois de ferido por tiro de revolver no peito.

A bala atravessou-lhe o peito.

RIO, 30 (A. B.) — Toda imprensa destaca o comunicado da embaixada brasileira em Buenos Aires, segundo o qual o governo argentino hipoteca solidariedade ao governo brasileiro para combater o comunismo, declarando-se a sua disposição para atender qualquer providencia alienante a repressão do extremismo vermelho.

RIO, 30 (A. B.) — Realizou-se importante conferencia no Gabinete do Chefe de Policia, comparecendo o ministro Vicente Ráo, o sr. Carlos Maximiliano, e os ministros Souza Costa e Agamenon Magalhães.

A ultima hora compareceu ali o sr. Amaral Peixoto. Nada se soube a respeito da conferencia.

RIO, 30 (A. B.) — Os jornais publicam um bilhete autografo do sr. Luiz Carlos Prestes, encontrado na valisa do capitão Trifino Corrêa que, ao fugir, esqueceu-o.

A valise foi encontrada na sédo do decimo Batalhão de Caçadores, e o bilhete dizia o seguinte, tendo a data de 25 do corrente:

"Meu caro Trifino. Estamos á frente da revolução, aqui. Não poderemos esperar mais de dois ou tres dias. Conto com a tua energia e decisão no sentido de dirigir a revolução em Minas Gerais. Abraça-te o Prestes".

RIO, 30 (A. B.) — A figura do sr. Luiz Carlos Prestes está sendo trazida pela maioria dos jornais de maneira severa, "A Batalha" diz:

"Quebrou-se o idolo que o sr. Carlos Prestes foi em dado momento do povo brasileiro. A ilusão do sr. Carlos Prestes foi desfeita. Ele, hoje, aparece como cavaleiro da triste figura".

"A Nação" mais severa ainda chama:

"Esse lamentável Prestes, a cuja cautelosa atuação, á distancia, ficou devendo a nossa patria, os sangrentos episodios dos ullimos dias".

RIO, 30 (A. B.) — Os relatos sobre os acontecimentos de

Natal são os mais impressionantes.

Os comunistas comeram, beberam, roubaram e saquearam.

Esse comunismo pulha, diz um matutino, teria vivido momentos no Rio, se acaso o movimento vingasse por alguns instantes.

RIO, 30 (A. B.) — Ainda é desconhecido o paradeiro do capitão Socrates, chefe da revolta da Escola da Aviação.

RIO, 30 (A. B.) — O governo prossegue com grande atividade a exercer a maior vigilancia em torno dos elementos comunistas.

RIO, 30 (A. B.) — Continua inspirando cuidados o estado de saúde do coronel Afonso Ferreira, comandante do terceiro regimento de infantaria, o enfermo encontra-se um tanto febril, tendo passado á noite um tanto agitado.

RIO, 30 (A. B.) — Em companhia do capitão Trifino Corrêa, foi preso nas imediações de Belo Horizonte, em uma residencia particular, o sr. Paulo da Boa-Nova, conhecido extremista, os quais chegam hoje devidamente escoltados pelo capitão João Macedo Linhares.

Está causando especie a noticia de que o capitão Trifino Corrêa, depois da sua prisão, tenha sido levado ao Palácio da Liberdade, onde conversou com o governador Benedito Valadares.

Parece tratar-se de uma noticia sem fundamento.

COMO E' ENCARADA EM MOSCOU A INTENTONA COMUNISTA QUE IRROMPEU NO BRASIL

MOSCOU, 30 (A. B.) — Os jornais desta capital pouco ou nada revelaram sobre a revolta comunista, que ha pouco irrompeu em certos Estados do Brasil, tendo sido dominado, finalmente, pelos poderes legais após esforços energicos. No entanto, os poucos comentarios dos jornais sobre o fracasso da tentativa comunista deixam transparecer que os circulos politicos sovieticos mal escondem a sua indignação sobre o "trabalho insuficientemente organizado" pelos proceres comunistas no Brasil, enquanto que o "Prawda" e o "Izvestija" publicam desmentidos energicos contra os que procuram responsabilizar o governo russo ou a Komintern pelo movimento comunista na America do Sul. "As forças capitalistas é que ocupam a supremacia na America do Sul", — diz o "Izvestija", — "opondo-se fortemente ás novas ideias, que, dia mais dia menos, tomarão conta do mundo inteiro".

GOVERNO DE COLIGAÇÃO NA ESPANHA

BARCELONA, 30 (A. B.) — Foi constituído aqui o governo da "generalidad", que é formado por elementos da Liga e dos radicais.

LUIZ CARLOS PRESTES ESTÁ NA AMERICA DO SUL?

RIO, 30 (F.) — Diante dos insistentes boatos referentes á permanencia de Luiz Carlos Prestes no Estado do Rio, a policia desenvolve grande atividade afim de apurar a verdade sobre essa denuncia.

O aniversario de um ilustre e venerando servidor do Brasil e do Rio Grande

As significativas homenagens prestadas em S. Borja, no dia 25, ao general Manoel do Nascimento Vargas

Creado da mais larga admiração e do mais vivo respeito de seus co-estadaoanos, viu passar a 25 corrente, em S. Borja, onde reside, o seu 91.º aniversario natalicio o general Manoel do Nascimento Vargas, progenitor do eminente dr. Getúlio Vargas, presidente da Republica, e dos nossos presados amigos coronel Viriato Vargas, ministro do Tribunal de

A imprensa francesa pede de imediatas providencias contra os comunistas

PARIS, 30 (A. B.) — A imprensa da direita exige, do governo medidas imediatas contra os comunistas e socialistas, que não cessam em atacar o primeiro ministro Laval e o governo francês em geral, por motivo dos decretos e leis de emergencia.

Os jornais declaram que, especialmente, os comunistas não merecem a tolerancia, que lhes é dispensada, porque a situação politica atual da França reclama os esforços e a lealdade de todos os franceses em torno do governo do país para enfrentar as necessidades do momento.

GOVERNO DE COLIGAÇÃO NA ESPANHA

BARCELONA, 30 (A. B.) — Foi constituído aqui o governo da "generalidad", que é formado por elementos da Liga e dos radicais.

LUIZ CARLOS PRESTES ESTÁ NA AMERICA DO SUL?

RIO, 30 (F.) — Diante dos insistentes boatos referentes á permanencia de Luiz Carlos Prestes no Estado do Rio, a policia desenvolve grande atividade afim de apurar a verdade sobre essa denuncia.

O aniversario de um ilustre e venerando servidor do Brasil e do Rio Grande

As significativas homenagens prestadas em S. Borja, no dia 25, ao general Manoel do Nascimento Vargas

Creado da mais larga admiração e do mais vivo respeito de seus co-estadaoanos, viu passar a 25 corrente, em S. Borja, onde reside, o seu 91.º aniversario natalicio o general Manoel do Nascimento Vargas, progenitor do eminente dr. Getúlio Vargas, presidente da Republica, e dos nossos presados amigos coronel Viriato Vargas, ministro do Tribunal de

ANEXO O - Reportagem de A Federação

Uma atitude invariável

O Rio Grande do Sul, desde que irrompeu no norte do país o movimento extremista sufocado prontamente pelas forças fieis ao Governo e ao regime, vem mantendo, com referencia á repressão ás idéias e á atividades comunistas, uma linha de conduta que o tem colocado, pela moderação dos seus processos de combate, na primeira plana entre os Estados da Federação.

Orientado pela superior visão de estadista de seu preclaro Governador, o Rio Grande, com efeito, não caiu no extremo oposto das perseguições e violencias á menor suspeita de extremismo, não encheu seus presidios de individuos inofensivos por meros temores infundados e, mais do que isso, não se aproveitou das circunstancias excepcionais do sitio para exercer pressão de qualquer natureza sobre a livre atividade dos cidadãos.

Ao contrario, consciente da sua força, perfeitamente aparelhado para reprimir com energia qualquer tentativa de subversão, o Governo se manteve apenas vigilante aos meros movimentos suspeitos, sem

alardes inquietadores, nem violencias odiosas, mas pronto a descarregar sobre as cabeças daqueles que tentassem perturbar a ordem todo o peso de uma repressão que deveria ser fulminante e de uma energia exemplar.

E essa orientação invariável do eminente general Flores da Cunha se estendeu a todos os setores da vida estadual.

Dentro desses conturbados momentos porque passou o país, ameaçado pelas atividades irrequietas dos agitadores, o Rio Grande se manteve em absoluta calma, inalterável no seu ritmo de paz e de trabalho, perfeitamente alheio aos rumores subterrâneos que não raro nos chegavam através dos boatos intranquilisadores, e absolutamente confiante na autoridade de um Governo que contava, para garantir a ordem, não sómente com a fidelidade absoluta de suas tropas, mas especialmente com a opinião publica, identificada com ele e pronta a repelir qualquer tentativa que se fizesse no sentido de modificar uma situação que era a primeira a reconhecer como digna

do seu apoio e da sua defesa.

E desta maneira foi possível, através de dias de inquietação e de incerteza, conduzir o Rio Grande com a serenidade que se fazia necessaria para conservá-lo, sem sobressaltos, dentro do equilibrio de suas atividades praticas e, no terreno politico, sob um estado de sitio que verdadeiramente nunca existiu para nossa terra, conseguir o milagre de um apaziguamento espiritual dentro de uma formula de colaboração eficaz entre os partidos, o que constituiu, evidentemente, uma das maiores e mais nobres iniciativas realizadas por seu eminente Governador.

Essa orientação do General Flores da Cunha, entretanto, não se modificou até hoje e continúa a ser a norma invariável da sua conduta de homem de governo.

Porque ela brota, natural, da sua propria personalidade politica formada nas lutas e entrecosques das agitações partidarias. E se lhe deu a consciencia aguçada do perigo e a decisão pronta e energica para reprimi-lo com energia, concedeu-lhe, da mes-

ma forma, essa capacidade larga de tolerancia e mesmo, de perdão, que constituem um dos traços mais vivos e mais pronunciados do seu caracter.

Dai essa atitude serena que não tem variado no tempo e que acaba agora de se manifestar, mais uma vez, a proposito da greve dos ferroviarios de Santa Maria, traduzindo, pela nota fornecida á imprensa, o espirito de um governante que sabe compreender as necessidades de seu povo, mas que não póde admitir a violencia ou a insurreição contra os poderes constituidos principalmente por parte daqueles que devem ser os primeiros a respeitá-lo e ampará-lo com o seu prestigio.

E por isso, tambem, a confiança cada vez maior do Rio Grande na ação benemerita de um governante que sabe tolerar quando assim o permitem os interesses do Estado e assim o aconselham as aspirações justas da coletividade, mas que sabe agir com a energia indispensavel quando assim o exigem a segurança publica e a estabilidade das instituições vigentes.

A prisão de Luiz Carlos Prestes

Seguindo o exemplo de Vitor Baron, um jovem jogou-se ao sólo do 2.º andar da Policia Central — Prestes recolhido á Casa de Detenção — Declarações do capitão Miranda Corrêa — O agitador passeiou varias vezes pelas ruas da Capital Federal

RIO, 5 (A. B.) — Retardado pelo Telegrafo — O Gabinete do Chefe de Policia, capitão Felinto Muller, teve um dia de grande movimento permanecendo repleto de autoridades civis e militares, juizes e amigos do chefe de Policia que ali iam para se congratularem com s. s. pelo serviço culminante prestado á causa da democracia no Brasil.

O chefe de Policia recebia essas manifestações com satisfação mas com modestia, procurando sempre fazer ressaltar a dedicação e o éxito obtido pelos seus auxiliares.

Procurado pelo "O Globo" o capitão Felinto Muller disse o seguinte: "Desde 29 de janeiro, que sabemos que Luiz Carlos Prestes se encontrava residindo no Meyer,

A delegacia de Segurança Política e Social tinha conseguido localizar o refugio do chefe comunista do Brasil em Copacabana, onde foi detido Vitor Alan que hoje se suicidou.

Submetemo-lo a um rigoroso interrogatorio e ele se obstinava em negativas.

Era um homem experimentado em situações difíceis, acostumado a enfrentar e desorientar a policia.

As inquerições continuaram, porém, e conseguimos vencer a sua resistencia.

Então, declarou que havia conduzido Luiz Carlos Prestes de automovel de Copacabana para um jardim no Meyer.

Finalmente, na madrugada de hoje, foi localizada a rua onde devia se encontrar Prestes e depois de ter a policia revistado 29 casas, os meus auxiliares Galvão Brasil e Loloti Julien chegaram á trigesima onde se occupava o ex-capitão Carlos Prestes.

TEVE O MESMO GESTO DO GINESIFORO BARON

Rio, 5 (A. B.) — Retardado pelo Telegrafo — Além de Vitor Alan Baron, o chofer de Luiz Carlos Prestes que denunciou o seu esconderijo no Meyer, jogou-se do 2º andar da Policia Central, um jovem de 25 anos presumíveis, trajando terno de cor cinza, de compleição franzina, claro, de cabelos castanhos.

Conquanto lhe seja atribuida a nacionalidade franceza, o segundo suicida de ontem tem o tipo do brasileiro.

pouco para depois voltar ás fileiras do Exército.

CONFIRMAM-SE DECLARAÇÕES DO CAPITÃO FELINTO MULLER

RIO, 5 (A. B.) — Retardado pelo Telegrafo — A prisão de Luiz Carlos Prestes da maneira porque foi feita vem confirmar que ele era o chefe e inspirador do ambiente que fermenta desde novembro e não havia ainda perdido as esperanças de conseguir maior sucesso num novo movimento. Em entrevista que o capitão Felinto Muller concedeu ao "O Globo" no mês de fevereiro disse que Prestes já estava na lista semi-negra do Komintern, pois havia sido censurado pelo fracasso da rebelião comunista que ensanguentou o Brasil. Agora o capitão Felinto Muller, confirmando, o que disse naquela ocasião, acrescentou ao mesmo vespertino que tanto era verdade que Prestes tinha ficado mal colocado com o Komintern que nem mesmo procurou se ocultar no sertão deixando-se ficar no Meyer, a dois passos da vigilância da policia.

A. PRINCIPIO NINGUEM ACRE- DITAVA

RIO, 6 (A. B.) — As primeiras noticias que foram espalhadas, ontem, na cidade, sobre a prisão de Luiz Carlos Prestes, a principio, foram, recebidas com certa desconfiança quanto á sua veracidade pela população carioca, em vista de essa prisão já ter sido anunciada por varias vezes em diferentes logares do país e do estrangeiro. Entretanto, depois que os jornais afixaram em cartaz e as sirenes soaram o povo começou a tomar maior interesse e acorreu para frente das radiações, onde, a cada momento, eram estampados detalhes da sensacional diligencia.

ELOGIOSOS COMENTARIOS A AÇÃO DO CAPITÃO FELINTO MULLER

RIO, 6 (A. B.) — Todos os jornais — os vespertinos, ontem, e os matutinos, hoje, — apareceram repletos de noticias sobre a sensacional e movimentada diligencia da policia, ontem, da qual

resultou a prisão do ex-capitão Luiz Carlos Prestes.

A imprensa faz elogiosos comentarios á ação do capitão Felinto Muller, chefe de Policia, que não descançou enquanto não viu coroado de sucesso os seus trabalhos para a captura daquele chefe do comunismo.

53 INVESTIGADORES SOB AS ORDENS DO CAPITÃO MIRANDA CORREA

RIO, 5 (A. B.) Retardado pelo Telegrafo — A policia informa que ha cerca de dois meses lançou 53 investigadores na pista de Carlos Prestes.

Os referidos investigadores estavam todos sob as ordens da Delegacia de Segurança Política e Social e serviam sob as ordens immediatas do capitão Correa Miranda.

A PROCURA DE DOCUMENTOS

RIO, 5 (A. B.) Retardado pelo Telegrafo — A casa onde foi preso Luiz Carlos Prestes foi varejada pela policia, pois esta desconfia que o chefe comunista tenha occultado ali documentos de grande importancia.

AS DUAS MULHERES PRESAS COM PRESTES

RIO, 5 (A. B.) Retardado pelo Telegrafo — O sr. Luiz Carlos Prestes foi interrogado pelo capitão Miranda Correa, tendo confirmado a sua identidade.

A mulher presa em sua companhia esta manha, é ainda muito joven e esbelta; tem tipo de estrangeira e cabelos louros.

A outra mulher, que se diz creada do casal, chama-se Julia dos Santos.

Interrogada, se obsteiu em manter absoluto sigilo em torno do casal com o qual vivia, não respondendo a nenhuma das perguntas que lhe foram feitas e não articulou sequer uma palavra de defesa.

VARIAS PEÇAS DO INQUERITO DA POLICIA NAS MALAS DO AGITADOR

RIO, 5 (A. B.) — Retardado pelo Telegrafo — Está causando o maior escandalo a descoberta feita pela policia desta capital nas malas de Luiz Carlos Prestes de varias peças do inquerito que está sendo feito para apurar quem são os responsáveis pelo